

AUTORES & LIVROS

12/10/941 SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a orientação de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Num. 9

CASIMIRO DE ABREU

Se a vida de um escritor mo influência viva da nos- não cessa quando ele mor- sa poesia pelos atuais poe- re, e persiste na influência tas brasileiros? Cremos clara ou distarçada que ele que nenhum. O próprio continua a exercer sobre Alberto de Oliveira, com o as gerações que se seguem seu sentimento imenso da a sua — cremos que Casi- natureza, o próprio Olavo ri-ro de Abreu continua a Bilac, com o seu ardente ser um dos autores mais sentimento do amor car- vivos do Brasil. nal — não parece que se

O romantismo lá se foi, tenha criado deles para os s-m dúvida, há meio sé- atuais poetas, nenhuma culo, com os seus lugares corrente mais íntima de comuns irremediáveis, a compreensão mais profun- sua mole poesia sem for- da. Dos outros parnasia- ria, a sua diluída prosa nos, podemos dizer o me- sem ossos. Mas alguns dos mo, e com razão infinita- escritores românticos fica- mente maior. Idêntica se- ram, e ficaram pela expres- paração sentintos entre eles siva contribuição pessoal e os simbolistas — todos que trouxeram — contri- os quais estão hoje num buição de idéias, de senti- esquecimento talvez sem mentos, de emoções ou de remédio. Desse esqueci- estilo. nimento nem mesmo Cruz e

Seria curioso verificar como os poetas modernos do Brasil reivindicam para si uma filiação romântica, desprezando os estágios intermediários de nossa poesia. Não é preciso citar nomes; mas é facilimo ver como cada um deles — dos

Mas essa afinidade íntima, que os poetas moder- nos não tem com os sim- bolistas nem com os par- nasianos, tem-na com os românticos. Eles estão, os grandes românticos — um Gonçalves Dias, um Azevedo, um dos proclamado, ora de Varela, um Castro Alves um Casimiro de Abreu, — vivos, em nossa imagi- cuja poesia dolorida está nação e em nosso espirito. Algumas das fórmulas mais usadas pelos nossos poetas de hoje são vindas diretamente do arsenal ro- mântico. Os anjos, que en- chem as páginas dos mo- dernistas, as exclamações, as invocações a Deus, — lá estão, nas páginas dos que eram rapazes em 1850 ou em 1870. As donzelas,

as virgens, que enchem as poesias de todos os româ- nicos, são talvez as mes- plexo do simbolismo que mas que hoje andam por nele já podemos desco- nossas encruzilhadas poé- tibir; à parte também Vi- cas, e que agora se batia- cente de Carvalho, de cujo lirismo espontâneo senti- mos tantas ressonâncias Bilú, Das Dores, Senho- ri-em nosso espirito — qual nha...

Entre esses românticos, dos nossos chamados par- nasianos seria indicado co- um dos que mais forte-

mente permanecem em nosso espirito — e quase diríamos em nossa saú- de, tanto ele continua vivo — é Casimiro de Abreu. Seus oito anos andam, aqui e ali, repetidos, lembrados, glosados, a todos os ins- tantes, por todos os poetas. Fórmulas suas, frases que ele construiu sem a mini- ma preocupação de fazer qualquer coisa para a pos- teridade, aí estão, quase transformadas em ditados, e todos os dias relembra- das por poetas ilustres.

Enfim: esse rapaz que morreu há oitenta anos é um valor permanente, e, tanto quanto podemos sentir, atual.

Nos artigos de velhos críticos, que vão transcri- tos nas páginas deste su- plemento, nos ensaios no- vos que vão ao lado deles — teremos o depoimento do Brasil de ontem e do Brasil de hoje, diante do encantador poeta das Pri- maveras. Verá o leitor co- mo a posição de Casimiro de Abreu em nossas letras vem se tornando mais sól- da à proporção que os dias vão passando.

O mais ingênuo dos nossos poetas MANUEL BANDEIRA (Da Academia Brasileira)

Casimiro de Abreu é segu- ramente o mais simples, o mais ingênuo dos nossos poetas, e is- so soube conquistar para ele o primeiro lugar na preferência do povo. As saudades da infân- cia, a nostalgia da pátria, os primeiros sobressaltos amorosos da adolescência, os encantos da paisagem brasileira foram por ele cantados com um acen- to de ternura nova, pessoal e inconfundível. Formou-se a seu respeito um juízo de todo injus- to, a que infelizmente deu força a opinião de nomes prestigiosos como Carlos de Laet, o qual na Antologia Nacional escreveu: Não é escritor correto, mas poe- ta cujos maravilhosos acordes sabem o caminho do coração. O pro- fessor Souza da Silveira, em sua edição das obras do poeta, de- monstra minuciosamente que, ao contrário, Casimiro é escritor e poeta correto, pelo menos tão correto quanto os outros româ- nticos, tidos por corretos; e jus- tifica um por um os pretendidos deslizes de linguagem e métri- ca, apontados em sua obra.



CASIMIRO DE ABREU

SUMÁRIO

PAGINA 145:	PAGINA 154:
— Casimiro de Abreu	— O melgo Casimiro, de João Al-
— O mais ingênuo dos nossos poetas,	phonous
de Manuel Bandeira (Da Acade-	
mia Brasileira)	PAGINA 155:
	— Celebrando Casimiro de Abreu, de
— Sumário	Goulart de Andrade
PAGINA 146:	PAGINA 156:
— O poeta das "Primaveras", de	— Páginas dos Autores Mortos:
Teixeira de Melo	1 — A casa da rua Cosme Velho,
— No jardim público de Casimiro	nº 48, antigo 18, de Olavo
de Abreu, de Carlos Drummond	Bilac
de Andrade	2 — A Carta (Da Noiva Morta),
PAGINA 147:	de Alberto de Oliveira
— Casimiro de Abreu na opinião de	3 — Espigas místicas — Raimun-
Camillo Castello Branco	do Corrêa, de D. Funças
— Atualidade de Casimiro, de Maria	4 — Lembrança de Petrópolis, de
Eugenia Colco	Raimundo Corrêa
— Retrato de Casimiro de Abreu	PAGINA 157:
— Busto de Casimiro de Abreu, exis-	— Da correspondência de Casimiro
tente na Academia Brasileira	de Abreu. Carta a seu amigo Fran-
PAGINA 148:	cisco do Couto Souza Junior, resi-
— Estudo sobre o poeta das "Prim-	dente em Porto das Caixas
averas", (Prefácio das Obras de	— A vida e a obra de Fagundes Va-
Casimiro de Abreu), de Souza da	rella, de Paulino Neto (da Acade-
Silveira	mia Fluminense de Letras)
PAGINA 149:	— A vida e a poesia de Casimiro de
— A vida e a poesia de Casimiro de	Abreu, de Silvío Romero (continua-
Abreu, de Silvío Romero	ção da página 148)
PAGINA 150:	— Celebrando Casimiro de Abreu, de
— Casimiro de Abreu em face do	Goulart de Andrade (continuação
Modernismo Brasileiro (carta de	da página 155).
Ribeiro Couto a Carlos Drum-	PAGINA 158:
mond de Andrade)	— Beco, poema de Afonso Schmidt,
— O esquisito cantor da saudade, de	(com ilustração de Santa Rosa)
Ronald de Carvalho	— Túmulo de Casimiro de Abreu, no
PAGINA 151:	cemitério de Barra de S. João
— A poesia de Casimiro de Abreu:	— Uma questão de Mitologia na
Ne Lar — Moreninha — O que é	"Cartas Chilenas", de Joaquim
simpatia — Meus oito anos	Ribeiro
PAGINA 152:	PAGINA 159:
— Retrato de Casimiro de Abreu com	— O poeta do amor e da saudade, de
sua irmã Albina	José Veríssimo
— Correspondência de escritores. Car-	— Soneto, de Leão de Vasconcelos
ta de Casimiro de Abreu a sua ir-	(com ilustração de Santa Rosa)
mã Albina	— Casimiro de Abreu em face do
— Recado para o brasileiro Casimiro,	Modernismo Brasileiro (conclusão
de Ribeiro Couto (da Academia	da página 156)
Brasileira)	— Efemérides da Academia
— Estudo sobre o poeta das "Prim-	PAGINA 160:
averas", de Souza da Silveira (con-	— Poemas em prosa, de Murilo Men-
tinuação da página 148)	des
PAGINA 153:	— O esquisito cantor da saudade, de
— A prosa de Casimiro de Abreu: A	Ronald de Carvalho (conclusão da
Virgem Lórra. Páginas do coração	página 159)
— Galeria de nomes ilustres	— Página do Dia: A influência do ci-
— O poeta das "Primaveras", de Tei-	enema na vida moderna, de Antônio
xeira de Melo (conclusão da pági-	Machado
na 146)	— Uma pensão para a irmã do poeta
	— As "Primaveras", de Justiniano
	José da Rocha

O POETA DAS «PRIMAVERAS» — Teixeira de Melo

Na última edição (1880) das *Emérides Nacionais*, escrevi na data de 4 de janeiro de 1837:

— Nasce o melodioso poeta, tão prematuramente roubado às laureas que o esperavam e a que tinha incontestável direito. Casimiro José Marques de Abreu, mais conhecido pelo seu nome de batismo e último apelido, que ele soube fazer iniciais.

Nasceu esse nosso infortunado poeta na vila da Barra de São João, município de Macaé, província do Rio de Janeiro. O nome desta vila tem sido muitas vezes confundido com o de N. João da Barra, cidade da mesma província.

No acreditado colégio de Nova Friburgo, dirigido pelo benemérito instrutor da mocidade brasileira, o ilustrado inglês John Henrique Freese, onde completava Casimiro os seus estudos de humanidades, compôs o menino predestinado para a glória os seus primeiros versos que denominou *Ave Maria*! inspirados de súbito pela sombria majestade da Serra dos Órgãos, casada à saudade do lar materno e à tristeza agriçada que produz nas naturezas impressionáveis o cair da tarde em céu americano: tinha então quinze anos de idade. Seu pai, porém, homem prático, a esses e a essas sagacidades da poesia e filigranas do sentimentalismo, que não podia compreender o que não tem desconto nem cotação na praça, retirou-o do colégio no fim de dois anos, e, depois de o ter, por alguns meses, em sua casa comercial no Rio de Janeiro, mandou-o em novembro de 1853, para Portugal, sempre com a ideia de fazer dele um negociante.

O menino poeta comprimi o mais que pôde a sua vocação para as letras; mas a força da natureza venceu o respeito, sobrepujou o temor da colera paterna, e lá compôs ele uma cena dramática, tendo por objeto e título *Camões e o Jau*, que foi representada em 18 de janeiro de 1856 no teatro D. Fernando e a sua *Cantata do Exílio* e outras. Dal datam os seus triunfos. Ali começou também a se desenvolver nele o germe da fatal moléstia pulmonar, que o devia arrebatrar tão moço da cena do mundo. Foi de novo chamado (em 1857) para o Brasil e de novo lançado no comércio. Nas horas que podia furtar às suas obrigações e à vigilância paterna escreveu ele a maior parte das composições poéticas que constituem o volume a que denominou *Primaveras*, que foi publicado em 1858, ainda em vida do poeta, e que tem tido depois tantas edições sucessivas, aqui e em Portugal, tal e tão notória foi a reputação que ele lhe grangeara. Enfim, depois de um viver atribulado e de todo travado de contrariedade, succumbiu o harmonioso poeta na fazenda paterna, em Indaial, a 18 de outubro de 1860, com pouco mais de 23 anos de idade, deixando suas desconsoladas mãe e irmãs orfãs do seu amor. Seu pai tinha falecido antes, inteiramente reconciliado com o filho e em seus braços.

Casimiro de Abreu é uma das puras glórias literárias. É o poeta mais popular da geração contemporânea: conquistou o lugar de honra que ocupa — sem ruído, sem estripício, sem lutas pelo plano suave da mansidão e da meiguice. Pela espontaneidade e naturalidade dos seus cantos; vê-se que tinha diante de si um grande futuro como poeta lírico: o seu livro denuncia uma decidida vocação para esse gênero de poesia.

Repousa na localidade em que nasceu, ao lado da sepultura do seu pai.

A propósito da edição das

suas obras completas, com treze poesias inéditas, dada em 1884, no Rio de Janeiro, pelo sr. dr. Joaquim José de Carvalho Filho, escrevi na *Gazeta Literária* deste ano:

Dos poetas da geração contemporânea, nenhum tem tido as honras de tão repetidas impressões como o malaventurado poeta fluminense. E' que ele, depois de Gonzaga, foi o que conseguiu falar a maior número de corações e melhor soube vibrar a corda do sentimentalismo popular, pairando em certa esfera, não se elevando nem descendo, de tal modo que ficasse insuficiente para uns por deficiente, nem ininteligível para outros por superior. Foi o poeta do seu tempo: o lugar que ocupa na literatura nacional conquistou-o ele do modo mais legítimo e suave, de pancada, sem luta nem esforço, pela fluência do ritmo, naturalidade da expressão e pureza do sentimento. Sem se alçar às regiões inacessíveis, não descaiu no trivial e comum.

Nem Alvares de Azevedo, que enfrentando possuía um fundo de erudição admirável para a sua idade e a quem nada era estranho do que então contava de mais adiantado a literatura europeia, mereceu tais honras. Casimiro de Abreu não se abalou a plantar nos essas comêças violentas com que alguns dos seus sucessores abalaram a atmosfera do sentimentalismo social e que tão no seu sabor parece terem sido; porque a sua natureza era meiga e sofredora como a da donzela recatada, que não sabe revoltar-se contra as injustiças do mundo e as exigências despidadas do meio em que lhe foi dado viver.

A sua poesia, fluente e harmoniosa, é do coração que canta o que sente o sente o que canta; não a do cérebro incandescente e doentio, que exagera tudo que passa pelo seu cadinho e exprime no verso nove vezes em dez, antes o que lhe parece ou devia sentir do que o que na realidade sente.

Não obstante os altos esforços da poesia moderna, no intuito de substituir o sentimento pela imaginação, fazendo falar o cérebro em vez do coração rendilhando a frase, alcançando o estilo; Casimiro de Abreu há de satisfazer por muito tempo ainda à parte da sociedade brasileira que abre um livro de versos e se deleita mais com a sua leitura do que com a de *Deve e haver*.

Creio que as treze poesias novas adicionadas à presente edição não lhe aumentam nem diminuem o valor e o mérito como poeta. Sempre me pareceu perigoso para a reputação dos autores, cedo arrebatados pela morte, esse escavar em ruínas, esse tal ou qual prurido (perdoe-me o duto biógrafo), esse prurido de acrescentar alguma coisa ao que o autor já deixara feito. As obras que em vida publicara sofreram sem dúvida a seleção criteriosa do autor, que nos teria dado tudo o que escreveu se tivesse achado tudo que escreveu cego da publicidade. Felizmente para Casimiro de Abreu, com a presente edição não se fizeram revelações inconvenientes, a não ser, até certo ponto, os alexandrinos da peça intitulada "Um poeta", de que já falei com tanta sensateza a "Gazeta de Notícias". O pensamento da poesia em questão não desmerece do autor: os versos tem rigorosamente o número de sílabas exigido pela "Arte poética", a contar-se pelos dedos; mas a medrese pelo ouvido, na mor parte deles a cisão da metade de cada verso para o resto faz-se no final da palavra, ficando deslocado o acento predominante, cortada a sílaba tônica, e o verso portanto desgraçado e man-

deve entretanto o belo da ideia redimir a imperfeição da forma.

Do mesmo defeito se ressentia a que tem por título "No álbum de uma senhora".

Em abono da verdade parece-me poder assegurar que não me é desconhecido o final daquela poesia:

O novo patrimônio existe na tabeja!

Quem sabe se não seria o próprio poeta quem alguma vez mo recitou, pois tive a fortuna de o conhecer?

Era de mediana estatura, cheio de corpo, moreno, de um moreno delicado e aveludado como a penugem do péssimo; cabelos pretos, corados, sem barba, apenas um leve bigode, pouco mais que uma nuvem de buço; bem proporcionado de formas, de modo que toda roupa lhe assentava bem.

Quanto à sua vida íntima, uns profundos dissabores que lhe amarguravam e minavam a existência, só os conheci quando, morto o poeta, os jornais os revelaram. E como "fazer confidências" em uma "república" de estudantes?

José Joaquim Cândido de Macedo Junior e Gonçalves Braga (conheci-o também pelo mesmo tempo), amigos mais chegados do poeta, tiveram de certo conhecimento dos seus sofrimentos íntimos, partilharam dos seus segredos; mas falecidos antes dele, levaram-nos consigo para o insondável.

O retrato de Casimiro de Abreu, que acompanha algumas das edições das "Prima-

veras", tem apenas remotos traços da simpática e meiga fisionomia do poeta. Foi ainda assim um pouco mais feliz, neste particular, do que um outro ilustre representante da poesia fluminense, Laurindo Rabelo, cujo retrato de modo nenhum representa a individualidade que indica. Refiro-me ao que vem na edição das suas poesias dada em 1887 pelo bacharel Eduardo de Sá Pereira de Castro.

"Camões e o Jau", cena dramática ajuntada ao volume, veio satisfazer a longa curiosidade dos apaixonados do lirismo fluminense; foi uma lembrança feliz, porque aquela composição, sobre ser desconhecida para muitos, se tinha tornado rara. Além da nobreza do assunto, é esse em grande parte o seu mérito.

Dou-nos mais o editor dois romances em prosa como um "especime" do "modus scribendi" do laureado poeta, quando depunha a lira, da qual pode também dizer-se, como do imortal cantor do "Lisla-dasi", que "foi mais afamada que ditosa".

Todas as variantes que o editor apresenta provêm de uma só fonte, a "Ilustração Lusobrasileira", Lisboa, 1856, onde o poeta fizera as suas primeiras armas. Os senões de uma primeira impressão corrigiu-os o poeta com muito discernimento na edição que preparou e nos deu no Rio de Janeiro em 1859. Não se contem nos manuscritos que o sr. dr. Carvalho possui do poeta, como se poderia supor.

Para fechar com chave de ouro esta pequena notícia, estigo tributo de saudade pago à memória do melodioso poeta, transcrevo das inéditas que ora se publicaram a poesia que segue e que o leitor não desestimar de reler, se já leu no volume, onde ocupa o primeiro lugar. Tem uns laivos "garretanos", que a fazem repetir com prazer:

POR QUE?

Al por que? — Dize, responde, Vida minha, noite e dia
Teu rosto de mim se esconde,
E tu lábio não murmura
Como d'antes, ao luar,
Naquelles compridos ninos
Esses traços de ventura,
Esses segredos divinos
Que eu bebia a suprir?

Bem sabes, amei-te louco
Como me órias ardentes
Dum amor santo e primeiro;

— Fizeras da tua imagem
A flor dos meus castos sonhos,
E do teu rosto adorado
Criara um poema inteiro!
— Deus, os pais, a pátria, tudo,
Deixei por ti no debrio
Daria teus olhos pálios,
E fiz-te rainha ativa,
Sultana do coração!

Não negues, — teu lábio puro
Serru-me um dia; teu olhar
Limpido, beles, tremecim
Cerrados de languidez;
E junto a mim, docemente,
Quando o mar tranquilo estava,
Teu peito que transbordava
Suprira mais uma vez!

(Continua na página 153)

NO JARDIM PÚBLICO

O encanto de Casimiro de Abreu está no tocante vulgaridade. Em sua poesia tudo é comum a todos. Nenhum sentimento nele se diferencia dos sentimentos gerais, que vitimam qualquer espécie de homem, de qualquer classe, em qualquer país. Casimiro dirige-se igualmente a todos, e por isso mesmo é restrito a matéria de sua poesia: abraça somente aquela região em que não operam as distinções filosóficas, os credos políticos, a tumultuosa torrente da vida social. Evita mesmo o campo subjetivo em que cada um de nós, valendo diferentes pressões, se revela incoerente e descontínuo. Casimiro ignora a rua e seus problemas; ignora tudo que é drama coletivo e até qualquer drama individual que não se inclua num destes esquemas:

- a) o homem se recorda da infância e fica triste;
- b) o homem tem um amor que não pode realizar-se e também fica triste;
- c) o homem está longe da terra natal e sente saudade.

Apenas uma vez, Casimiro fugiu a esses padrões. Foi quando compôs "Camões e o Jau", em que perpassa um vento de epopéia e se sente à sombra de novos conquistadores, de infortunios clássicos, o espírito da roca no quadro histórico. Tinha 17 anos e não repetiu a aventura.

Faltou-lhe, realmente, o sentido da aventura. A viagem a Portugal surge-lhe como uma tragédia: "Ja dois anos se passaram longe da pátria. Dois anos! Dizia dois séculos. E durante este tempo tenho contado os dias e os horas pelas bagas do oratório que tenho chorado". Seu ideal é bem pacífico e para concretizá-lo não seria preciso destruir nenhuma instituição nem magoar nenhuma creatura: "Feliz aquele que morre debaixo do mesmo céu que o viu nascer!" Só isto: morrer na terra do nascimento. Era a única ambição de Casimiro de Abreu, e pensar que sua morte poderia ocorrer em Lisboa, entre "os seus mil e um atrativos", o fazia mergulhar na mais negra infelicidade. O grito de fuga, de pesquisa das ilhas fabulosas, a fascinação do asiático, que dilacerou o espírito romântico, não penetra o pequeno jardim das "Primaveras", onde Casimiro nasceu e deseja viver e morrer sem sobressaltos.

Está entendido que esse jardim não é fechado nem atento espécies raras. O poeta não ama o raro e o difícil. Na mente uma disposição natural para as emoções facies, ligada a uma graciosa modestia, que o faz murmurar sem fingimento: Não, cantores noveis, somos às vezes secundários; que se perdem no conjunto de uma grande orquestra; há o único mérito de não ficarmos calados". Apresentando-nos sua primeira produção, avverte que "esses natos são tirados pelas mãos trêmulas dum novato, na mais humilde e desconhecida lira". Note-se que era um tempo em que os novatos não tinham mão trêmula (le quem dita e tiveram?). Casimiro guardou, pois, a inocência entre dois demônios poéticos. Antes, dele, já Alvares de Azevedo zombara de todos as metafísicas e do próprio poesia, recomendando em verso que cortassem uma tripa de seu cadáver para a leitura de

uma humilde lira que contasse os amores da vida. Pouco depois, Castro Alves, ao mesmo tempo em que renovava o conteúdo dos velhos temas amorosos, agredia o leitor com a insolência de novos assuntos: a conspiração de Tiradentes, o tráfico dos escravos, a batalha política. O frágil Casimiro esqueceu-se na tempestade, à procura de abrigo para o seu sensibilidade de conformos tão limitados. E à donzela que ama envia este certificado de bom comportamento poético:

"Podes ler o meu livro: — adora a infância,
Deixa o esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, ama a pátria, e em noites lindas
Minha alma — aberta em flor — sonha contigo".

Sabe-se o que há de perigoso para a literatura em uma conduta exemplar; o perigo é tão positivo como o da falta de conduta. De bons sentimentos não permittam obrigatoriamente bons versos. Casimiro corria o risco de tornar-se aborrecido, se não viesse salvá-lo certa simplicidade nativa, que dá aos seus versos um perfume de flor pobre, também ele froco, mas decente.

"Meu Deus! eu chorei tanta lá no exílio!"

Não há nada menos particularizado. É tão simples que, em público, nos sentiríamos inclinados a sorrir da confissão. Mas em casa, lendo o livro a oitenta anos de distância do poeta, uma ternura simplica nos embete, como a água que passando por baixo da porta vai lentamente molhar o tapete.

Essa espécie de infiltração sem surpresa faz de Casimiro um poeta popular. Explico-me: ele é o poeta que nós todos nos imaginamos capazes de ser, se quizessemos. (Não queremos?). Enquanto o homem da rua considera com prevenção a figura de Paul Valéry, que traz no bolso um "parrelho de fabricação de sonhos (sabe-se lá o que escondem esses máquiãs!)", acolhe de coração aberto o vulto tranquilizador de Casimiro, que acabou de colher boninas e vai duplamente no túmulo da namorada. Temos aí várias sugestões suaves: ideia de virgindade, ideia de flor, ideia de melancolia. Da para um instante de poesia médica, na agitação banária da rua Primeiro de Março no nos conversas ornatadas da formidosa de Moço Grosso.

Se Casimiro chegasse ao desespero em amor, sua voz seria mais rouca, não o estimariam tanto. Com acento magado mais limpo, ele nos conta de amores que doem, mas passam; fala-nos de saudades que não conduzem ao aniquilamento, dos namorados que morreram antes que o poeta os pensasse; emoções que urra valsa deserta, e fogem com a valsa! Tu, entem — Na dança — Que consas... — Voavas — Coas faces — Em rosas — Formosas...". Seu infinito recato sobre mesmo com a hipótese de ver, após essa valsa

"A tua coroa de virgem
Rolando no pó das palas..."

O poeta da mocidade Atualidade de Casimiro — MARIA EUGENIA CELSO

PEDRO LUIZ



Retrato pouco conhecido do cantor das "Primaveras". Pertence ao arquivo da Academia Brasileira, de cuja cadeira n.º 6 é Casimiro de Abreu patrono.

Quereis por ventura vagar livremente no meio de sonhos e flores, entre sorrisos e galas nesse jardim sempre vívido, que se chama mocidade? Quereis, pondo de parte o mundo e suas teorias positivas, embalar-vos por alguns momentos nos braços da fantasia às melodias ternas e queixosas da lira do coração? Quereis levar algumas horas pensativo o mundo bebendo a vida em um raio ardente de sol dos trópicos, a esperança no anil do céu e o amor nas nuvens douradas que brincam no horizonte?

Com a mão no peito e a franqueza nos lábios, ninguém ousará dizer — não.

Moro ou velho, alma cheia de fogo ou coração enrejado, todos amam no fundo a natureza com suas festas, a vida com seus esplendores, e a mocidade com seus desvanecidos. Se assim é, abri comigo as "Primaveras" de Casimiro de Abreu.

"Tudo canta em sua terra
Também vou cantar a minha"
... e disse isto não foi eu.
Foi um poeta do passado,
Poeta de antanho.
Tão passado que ainda mais morreu
Foi na recordação dos homens certos
(mente).

CASIMIRO DE ABREU.

Quanto são errados por via de regra os juízos da primeira mocidade! Esse esquecimento, segunda morte mais total e definitiva do que a verdadeira, a que a minha iconoclasta adolescência tão arbitrariamente condenava o poeta das "Primaveras", não existia no entanto. Através a mutabilidade das escolas literárias e as variações de preferência e de conceito do século, os versos tão espontâneos, tão sentidos, tão poéticos em suma, do "choroso Casimiro" permanecem vivos e imbrados, nessa frescura intangível e perene atualidade das produções verdadeiramente essenciais do gênio humano. Ninguém talvez tenha conhecido mais voga. Ninguém por certo, com mais sinceridade se há já entregue a sua Musa. Minha alma é triste como a rola aflita, Simpatia, Meus oito anos, Amor e medo, Saudades, Minha Mãe, e, acima de tudo, esse

"Tudo canta em sua terra
Também vou cantar a minha".

onde o amor da terra natal tão comovedidamente se exalta em imagens e comparações enaltecidas, resumem a alma de um tempo. São a própria voz do nosso romantismo, porquanto correspondem na sua ternura doente e no arrebatamento emocional do seu lirismo, no

sentimento profundo de uma época.

Do longo sofrimento da incompreensão do meio e da hostilidade do ambiente familiar onde Casimiro de Abreu, desde criança, hauriu os elementos criadores da sua tristeza, por uma reação instintiva do talento oprimido, fez ele como o trampolim da sua obra poética.

A Saudade fora a sua primeira Musa, confessou um dia no prefácio do seu livro. Foi a Musa de toda sua existência, a flama inspiradora de sua poesia, a íntima e enternecida presença de sua alma. Saudade da separação prematura da mãe a quem adorava, saudade da pátria tantos anos distante, saudade dos amores passageiros aos quais o coração quer sempre emprestar um cunho de impossível eternidade, saudade fugida da vida que tão cedo lhe ia fugir e de que antecipadamente sentia a nostalgia amargurada.

Saudade e tristeza, — mas o que é saudade afinal senão a tristeza do bem perdido ou do sonho irrealizado? — foram afinal as construtoras de sua glória.

Saudade e tristeza, exaltadas até o excesso se quiserem ao influxo passionai do amor, mas também um extraordinário senso da nobreza, um divino entendimento da vida e da beleza das coisas. Basta lembrar a inigualável musicalidade da *Rosa e a Brisa*, a que o balanço cantante do ritmo dá a impressão nítida do balanço da flor no galho batido de aragem!

"A brisa diz lá no céu:

— "Bá, bá, bá"
Bá-me, linda, a tua amor,
Deixa eu dormir no teu colo
Sem medo
Sem receio, minha flor.

De tarde vivia da selva
Sobre a relva
Os meus carinhos te dar
E de noite no corrente
Mausoléu.
Mausoléu te embalar!"
E a rosa dizia à brisa.
— "Não podes
Minha alma dos beijos teus.
Não te adoro, és inconstante
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus.

Tu passas de noite e dia
Sem poesia.
A repetir-me temas ais
Não te quero... quero a Noite
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais!"

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
Ne hauria se debruçou.
Pobre rosa! Teve a morte
Porque a Noite,
Porque a Noite a desfolhou...

Nada mais romântico em verdade do que esse rimado conto de fadas à Nodier, essa pequena aquarela do matizes tão deliciosamente primaveris e de tão sãba exatidão psicológica. Ao mais fraco que suspira, — rosa ou mulher, — há de preferir sempre o mais forte que domina, desfolhando-a embora, que importa? ... O que importa é a mão que a desfolha.

E por esta graça, esta delicadeza, esse toque de infinita suavidade e de romanesca emoção que Casimiro de Abreu se equipara às mais lídimas expressões do Romantismo europeu e não deixou de ter até hoje atualidade. Ramalho Ortigão, combatendo não o considerasse: "um gênio gesenvolvido nem um grande literato", comparava-o à Lamartine pelo frescor e espontaneidade do seu lirismo. Outros o compararam a Musset, Byron, Leopardi, André Chénier, Shelley e Millevoye.

Esta última comparação me parece de fato a mais justa. Era um Millevoye, tuberculoso como seu emulo francês, traduzido para a docura sentimental do português, um Millevoye brasileiro. Se não atingiu à altura criadora de Gonçalves Dias que tanto admirava e com o qual oferece, não raro, singulares analogias de estados d'alma Casimiro, não obstante todas as deslices de sua poética e as distrações de sua sintaxe foi a expressão mais pura e mais significativa da nossa fase romântica. Sua obra tão despida de subterfugios verbais e artificios literários perdurou e perdurará, graças ao condão da sua simplicidade e de seu sentimento.

Bemaventurado Casimiro, chamou-lhe Goulart de Andrade

Destino de bemaventurança, com efeito, pois como a esse outro tuberculoso, esse outro poeta, Rodrigues de Abreu, o senhor o assinalara "ponto o seu sinal resplandecente" sobre a miséria física da criatura.

Nada mais foi do que um poeta, o que quer dizer, entre as efêmeras ocorrências do mundo, um portador de eternidade.

Casimiro de Abreu na opinião de Camilo Castelo Branco

"Fax pena este moço que de-seja viver e começava a amar quando a alma lhe fugiu das asas do gênio para as da morte. Ele esteve perto destes carvalhais tristes onde escrevo estas linhas. Lá ruje em baixo no acude o rio Ave, que lhe espelhou lágrimas saudosas no Brasil. Também teve sorrisos aquele rapaz que não teve infância! Ah! como está mundo e bom! Bem se ceta venci que ha

Deus, porque as suas obras são incomparáveis. Mas é grande obsequio, devido aos tuberculos ou amolecimento cerebral, morrer-se novo, quando se é tão querido e chorado.

..... perhaps the early grave
Which men weep over may be
meant to save.

Aos precelhos, como Byron, se lhes tirarem o desafio da ruína, a estrangulação é perfeitíssima.

DE CASIMIRO - Carlos Drumond de Andrade

Brotam-lhe, de raro em raro, pensamentos lúbricos:

"Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda inocência que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos pousos da terra".

Mas tem o cuidado de descrever esta ato no condicional — e instantes de fauno, qual o burguês moderado que não os condena? Ainda o Casimiro satisfeito obscuros aspirações do homem indiscriminado, que guarda em si um relato disponível para a devassidão mental. A preocupação de preservar a coroa da virgim é, porém, dominante nos seus devaneios de poeta casto.

O segredo de dizer coisas tristes sem envolver de todo, a vida, faz de Casimiro um parente de todos nós. Sua leitura não é uma provocação ao suicídio, nem lorna sedutora a imagem da morte. Pelo contrário. O poeta recita morrer moço e pede que, se isto tem de acontecer, "não seja já a assassinção a meu var admirável, pelo que lembra da gagueira de pavor diante da morte".

"Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlevo!"

Ele concilia o pessimismo de determinada condição pessoal — o moço pobre, escravizado economicamente ao pai, à espera de que a glória ou o amor o vá tirar da triste vida de envergadura no comércio — com o gosto da vida natural, entre árvores frutíferas, pássaros que nos distraem com a seu canto e que opanhamos em armadilhas, e a mais que compõe a quadra vingda dos pequenos cidadãos do interior, confundidos com o campo. É uma poesia de horta e campina, em que há lajeleiros com sabiões, rãgalas brinçalhais, roças de lua e brisas travezes; nenhuma suspeita do Amazonas. Tudo isso envolto na névoa das recordações ou mais pateticamente no que ele chama, num achado, "este pó da infância".

As "Poemas Elegiacas" inserem nesse todo de melancolia conformada uma nota áspera e desconcertante. Ali, Casimiro por vozes deixa de ser o jovem de sentimentalismo epidêmico, esvaído-se em queixumes e suspiros crepusculares, para exprimir — ou denunciar — alguma coisa de mais forte, mais inquietante, que nele irrompe surdamente:

"Agora em vez dos hinos d'esperança,
Dos cantos juvenis,
Tenho sóbria pungência, o riso amargo,
O canto que maldis!"

Os outros — os felizes deste mundo,
Deleitam-se em sarar,
Eu solitário soto e odio os homens,
Pra mim são todas maus!

Eu olho e vejo... — o veiga é de esmeralda,
O céu é todo azul.

Tudo canta e sorri... só na minha alma
O lodo dum pau!"

Casimiro vai fazer, enfim, a descoberta do mundo:

"Há dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguém consola
Ou suscita a quer!
Migalhas maiores do que o dor dum dia,
Do que a morte babada em toça enorme,
De lábios de mulher!"

Doces falas de amor que o vento espulsa
Juras cantadas de constância eterna
Quebrados ao nascer:
Perfido e olvido de passados beijos...
São dores essas que o tempo cicatriza
Dos anos no volver.

Se a donzela infiel nos rasga os folhos
Do livro d'alma, maguado e triste
Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos cativam,
E loucos vamos em delírios novos
Ader noutra paixão.

... Não! a dor sem cura, a dor que mata,
É, pouco ainda, e percebe na mente
A dúvida a sorrir!
E a perda dura dum futuro inteiro
E a desfolhar sentido das gentis cordas
Dos sonhos do parvir!

E ver que nos arrancam uma a uma
Das aias do talento as penas de ouro,
Que voam para Deus!
E ver que nos arrancam uma a uma
E que profanam o que tanto temos.
* Co' o riso dos ateus!

E assistir ao desabar tremendo,
Num mesmo dia, d'ilusões douradas,
Tão cândidos de fé!

... Horro há em que a voz cruaz blasfema,
E a suicida nos oceanos ao longe
Nas longas asturnas!
... Murcha-se o vico no verdor dos anos,
Dormo-se moço e despartam-se velhos,
Sem fôlego para amar!

... Dores na sombra, sem carícias d'amor,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
Sem beijos de mulher!...

Estas poesias dão-nos o presentimento de um outro e maior Casimiro. O Casimiro que a morte aos 21 anos não deixou nos revelasse toda a sua original fisionomia, e que de bom grado colocaríamos ao lado de Fagundes Varela, no viril desencanto que assegura a este outro poeta fluminense um lugar a parte entre os nossos românticos. Casimiro que não chegou a formar-se, ai dele! e que transborda das "Primaveras".



Busto de Casimiro de Abreu, existente na Academia. No salão de honra do Pequeno Triunfo encontram-se, igualmente, os bustos em bronze de outros três grandes poetas do Romantismo — Gonçalves Dias, Fagundes Varela e Castro Alves.

Estudo sobre o poeta das "Primaveras" (Prefácio da «Obra de Souza da Casimiro de Abreu») - Silveira

Casimiro José Marques de Abreu nasceu em Indaíçu, freguesia do Rio São João, na então provincia do Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 1859, de pai português e mãe brasileira.

Os primeiros tempos de sua vida, a sua "infância querida", passou-o no torrão natal. Partiu em seguida para Nova Friburgo, onde cursou durante alguns anos o Instituto Freese. Foi ali que, uma tarde, a hora em que em sua casa paterna deviam estar merendando, ele se lembrou do seu lar, viu nele a minha pequenina, e então, assaltado pela saudade, chorou e compôs a sua primeira poesia. Infelizmente, em momento de desânimo e desgosto, rasgou-a, embora mais tarde viesse a arrepender-se do que fizera, e sentisse tanto o haver destruído aquela produção, que, para recuperá-la, daria em troca todo o volume das "Primaveras", isto é, o livro que o tornaria imortal em nossa literatura.

Não terminados completamente os seus estudos de humanidades veio para o Rio a trabalhar no escritório do pai, que, a fina força e contra a vontade do rapaz, queria encaminhá-lo na carreira comercial. Casimiro submeteu-se, mas não se resignou, e essa contradição foi a grande amargura da sua vida.

Depois de um ano de permanência no Rio, o pai mandou-o para Portugal. Isto foi em 1885. No exílio atormentado o nostálgico do torrão natal e da família, sobretudo da irmã e da mãe, a quem Casimiro amava extremamente, de quem falava mais de uma vez nos seus escritos e para quem fez aquela poesia tão transbordante de saudade e ternura filial e com forma poética tão adequada, que dificilmente se encontrará (caso se encontre) outra que a iguale na força do sentimento e na formosura da expressão.

Costuma dizer-se que no exílio lhe apareceram os primeiros sintomas da tísica pulmonar, que havia de matá-lo. Isto constitui, porém, um ponto por elucidar na biografia de Casimiro. Pois de cartas autografadas do poeta, existentes no arquivo da Academia Brasileira, e das quais tomei conhecimento por intermédio de cópia fidedigna, parece que ele gozava de boa saúde. Ao amigo, destinatário da referida correspondência e para o qual abria a sua alma de par em par, conta que voltou de Portugal, e nem então nem depois alude a enfermidade alguma positiva a não ser a viaçã de que ficara marcado, mas de que já se restabeleceu: e, pelo contrário, mais de uma vez queixando-se de enfermidade moral, informa que está são do físico, e certa ocasião chega a lamentar-se da monotonia da sua boa saúde, em lugar da qual queria a tísica com todas as suas peripécias para ir definindo liricamente até acabar de morte romântica sob o céu azul da Itália ou mesmo do nosso (desejo, como se sabe, muito do gosto da época e que o nosso vate exprime, talvez com algum humorismo). (1).

Ainda em carta de 11 de janeiro de 1860, isto é, nove meses antes de sua morte, escrevia: "Eu continuo sempre bom do físico e sempre enfermo do moral".

Há, contudo, uma carta, de 17 de maio, sem indicação de lugar nem do ano, mas em cujo ponho se de 1859, na qual se leem as seguintes palavras (o grifo é meu):

"Vivo muito triste e pudeco mesmo um pouco do físico: a minha saúde vai-se esgotando e eu desconfio que o canastro não dura muito tempo. Aíns, estima-me sempre e lamenta o teu velho am."

Dessas palavras transpira um sentimento sincero; podia, po-

rem, ser um abatimento passageiro. Enfim, a saúde boa ou má de Casimiro é, como disse, uma questão por esclarecer.

Situei, hipoteticamente, no ano de 1859 a citada carta de 17 de maio. E que esse é o ano da saída, creio, que em setembro (2), das "Primaveras", e há na carta o seguinte período: "O meu livro, nada de novo ainda! Diz o Paula Brito que em junho está pronto e eu supponho que nem no fim do ano; o homem manga comigo à grande e eu vou aturando tudo com a minha negligência habitual".

De volta pois ao Rio, onde chegou em 9 de julho de 1857, (3), parte sem demora para a fazenda paterna de Indaíçu, e lá, revendo os sitios queridos da sua infância, desabafa a emoção naqueles deliciosos versos da poesia "No lar".

Um mês depois vem de novo para o Rio, colocado no escritório de uma casa de consigna- ção. Em carta do Rio, de 18 de dezembro de 1857, escreve no seu amigo Francisco do Couto Souza Junior, o qual residia no Porto das Caixas:

"Querido am. Recebi com verdadeiro prazer a tua carta e se te não respondi logo foi porque tenho estado estes dias bastante ocupado aqui no escritório com a saída dos paquetes para a Europa e para o Sul. Como sabes estive em Portugal 3 anos e meio e voltei em julho p.d.; passei por ali já duas vezes e lembrei-me de visitar-te, mas não tinha tempo e provavelmente não te encontraria".

Peias datas de grande número de suas poesias vê-se que o ano de 1858 foi de intensa atividade literária para Casimiro. Também cogita da publicação das "Primaveras", seu volume de versos, que sai a público em 1859.

Dizem que o pai, doente em Indaíçu, comoveu-se à leitura das "Primaveras", e mandou vir o filho. Este chegou, ainda estando com vida o pai, e reconciliaram-se.

Tendo regressado ao Rio algum tempo depois da morte do pai, a enfermidade agravou-se-lhe (se tinha alguma) ou assaltou-o então. Busca alívio no clima de Nova Friburgo. Não o encontra. Volta a Indaíçu, e ali, no regaço materno, expira na tarde de 18 de outubro de 1860. Tinha 22 anos incompletos.

Houve dúvida sobre o ano do nascimento de Casimiro de Abreu. 1837 ou 1839?

A certidão de batismo, já publicada até no "Diário Oficial", reunida a testemunhos indiretos do poeta, que daqui a pouco vamos considerar, resolve a pendência a favor do ano de 1839.

No começo do Prólogo de "Camões e o Jau" conta o poeta que transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal a 13 do novembro de 1853, e mais adiante diz que já lhe haviam passado dois anos longe da pátria. Fazendo os os cálculos, — levada em consideração a duração da viagem que, naquele tempo, era demorada, e admitido que a expressão "dois anos" não teria rigor matemático, que é de comum na linguagem corrente, — conclui-se que Casimiro estava escrevendo o Prólogo ao expirar de 1855 ou nos princípios de 1856: a data de 27 de março de 1856, adotada no Prólogo, confirma a segunda hipótese a que nos levou o cálculo, um tanto grosseiro, mas aproximado.

No mesmo Prólogo diz Casimiro que lhe arde no peito o fogo dos seus dezessete anos. Derrotados estes de 1856, ter-se-ia 1839 para ano do nascimento do poeta.

Na dedicatória das "Primaveras" a F. Otaviano, datada de 20 de agosto de 1859 pergunta: "Meu Deus! que se há de escrever aos vinte anos...? Ora, quem em 1859 tinha vinte anos, nasceu em 1839.

A correspondência de Casimiro, guardada no arquivo da Academia Brasileira compreende uma série de trinta cartas com as datas completas — série cujos extremos são as duas, já referidas de 18 de dezembro de 1857 e 11 de janeiro de 1860 — e, sem declaração do ano, mais sete cartas e um fragmento da carta. Por meio do conteúdo delas, conferido com fatos conhecidos talvez se lhes pusesse fixar o ano com exatidão ou pelo menos, aproximadamente; faltou-me, porém, vagar para o necessário exame e estudo, que reservo para outra ocasião.

Ao amigo querido e confidenciário aponta Casimiro jornais e revistas em que saíram poesias suas indicações de que ainda esperou utilizar-me mais largamente do que me foi possível agora; revela os seus estados de tristeza e aborrecimento, apesar do seu gênio alegre e estouvado; dá-me lá outras informações preciosas no biógrafo e ao crítico literário. De algumas das quais já me aproveitei no comentário do presente volume; insiste na sua aversão à vida comercial; alude à dificuldade com que, morando em casa do pai, e não lho querendo este permitir, esbarra para sair à noite, e, até, para escrever. Na carta de 13 de fevereiro de 1858 vem-lho, instigado pela sedução do Carnaval, disposto a uma reação contra a compressão que lhe molestava o gênio:

"Não me respondas antes de escrever-te outra vez, porque parece-me que vou manchar o comércio à tabua, e que rasco-me desta casa.

O carnaval está brilhante. Ontem estive no São Pedro até 3 horas da manhã; houve dança e pulos bravios.

Desculpa a pressa com que te escrevo; bem vês que são momentos furtivos".

Quanto à desinteligência entre Casimiro e o pai penso que há, na correspondência, elementos que poderão servir para um estudo que a reduza às suas verdadeiras proporções. A este propósito peço ao leitor que veja a minha nota final à poesia "Dores".

Uma feição do caráter de Casimiro que resalta das cartas, e que desejo não fique na sombra, é o seu respeito pela sua obra e pelo público que a valia, traduzido no empenho de retocá-la, de aperfeiçoá-la e levado ao ponto de fazer o poeta adiar a impressão, em volume, de composições a que não ponde dar a última demão. Lelamos algumas palavras suas:

"Quero ir arranjando e retocando todas as minhas asneiras, pois preparo-me para em janeiro, nos meus anos, dar à luz um volume de poesias e depois... quem sabe? (Carta do Rio, 1. — abril — 1858, ao seu amigo Francisco do Couto Souza Junior).

"O volume há-de ser pequeno, pois que não entram nele todos os meus versos que eu reservo para outro volume, visto estarem muitas poesias ainda por acabar e retocar". (Carta do Rio, 7 de julho de 1858, ao mesmo).

Notava e emendava os erros tipográficos. Em carta do Rio de 10 de abril de 1858, dizia ao seu amigo:

"Caríssimo —

— Antes principiar uma carta por um agradecimento do que por uma descompostura; por isso agradeço-te a remessa da — Virgem Loura — embrulhada em papel branco, ou antes transformada em letra.

Fico à espera da — Moreninha — mas, palavra de honra, não desejo que ela venha com tantos erros como a dita Virgem (isto entre nós)".

Ainda do Rio e ao mesmo amigo, escrevia em 21 de maio de 1858:

"Meo caro. — Incluso te remeto a poesia que fiz ao Macedo Jr.; veio com alguns erros tipográficos que vão emendados com pena".

E em PS à mesma carta.

"Os erros são — laurel e não lourel — raiar e não rair — e mudez e não nudez —

Com semelhante sensibilidade os erros, como não ficaria desgostoso se pudesse saber o que se tem feito as suas poesias nas várias edições delas, e principalmente as que tem por título "Anjo" e "A J...".

Se o leitor pode consultar várias edições das obras de Casimiro, compare, com o que vem nelas, o texto da seguinte quadra de "Anjo", a qual, salvo a ortografia, assim está na edição de 1859 das "Primaveras":

"A fronte que ardia em brasas
A seus delírios pôs fim
Sentindo o rocar das asas.
O so-ro dum querubim."

Ponha o texto das edições que tiver, ao lado do verdadeiro texto de "A J...", o qual é (salvo a ortografia):

"Mas se docil a teus dedos
O teu plano palpita,
Se d'arrastar teus segredos
Nessa harmonia infinta,
Nessa queixa vaga e incerta,
Então minh'alma — desperta
Desse fatal pesadelo —
Sae de o manto de gelo
Entra-se em novo fulgor,
Aza a luz que o sol exala,
E em cada nota que fala
Soeitra um hino d'amor!"

e diga-me se não foi esta uma das mais sacrificadas poesias de Casimiro.

Por falta de tempo (a presente edição tem de sair este ano, que é o do centenário do nascimento do poeta) deixo de aludir a outros fatos interessantes a que se refere a correspondência, ou que dela se podem deduzir.

Foi bem curta a existência de Casimiro, e, além disso, ele não pode aplicar-se aos estudos assagadamente (vimos que até cartas escrevia em "momentos furtivos"). Todavia revela boa leitura, e cultura intelectual apreciável. Era-lhe inato o sentimento da lingua portuguesa. Em geral, escrevia-a bem, com correção, respeitando-lhe as normas consignadas nos compêndios, mas percebendo-lhe também as sutilezas que escapam à visão da Gramática e de que só um conhecimento prático do idioma, aliado a forte dom natural, permite aos escritores utilizarem-se com felicidade.

O estilo de Casimiro encantava: suave, espontâneo, simples, conciso, claro, adequado à ternura dos seus sentimentos de amor e de saudade, a tradição de uma dor profunda, mas, quase sempre, serena. Certos estados psíquicos vagos, indefiníveis, acham nele expressão simbólica eficiente:

"... e em noites lindas
Minh'alma — aberta em flor —
— sonha contigo!"

Na cena de "Camões e o Jau" a linguagem é familiar, como convem nos diálogos íntimos, mas, em dados momentos adquire oportuna ressonância épica.

Nas páginas em prosa da "Virgem Loura" mostra-se natural, fluente, leve. Em "Camila" as mesmas qualidades, acrescidas de certa facécia. Começado a desenrolar-se o en-

trecho, no momento em que a curiosidade se nos aguçava, interessada na continuação da narrativa, cessa o escrito, que ficou inacabado; e a sensação de pena que então nos invade, é documento cabal das qualidades de imaginação de Casimiro na criação de cenas e situações, e da sua habilidade no expô-las e encadeá-las, prendendo a atenção do leitor. Fica-se com a convicção de que, com o poeta, perdemos igualmente um excelente prosador.

Na metrificacão Casimiro acompanha as praxes do tempo. A sua individualidade artística, porém, faz que as vezes não submeta servilmente aos preconceitos dominantes e quebre os moldes comuns, o que lhe provocou uma ou outra censura da parte dos críticos, se o m que dessas, digamos, irregularidades se pudesse escudar na autoridade de Gonçalves Dias. Nas minhas notas procurei interpretar o significado estético de tais anomalias métricas e avulsi-las com a possível justiça.

Longe da pátria, Casimiro sentiu saudades do torrão natal, do lar, da mãe adorada, da irmã, da infância — e produziu aquelas doces poesias subordnadas ao título geral de "Canções do exílio". Paisagens, cenas e tipos nossos deram-lhe as "Brasilianas" e mais algumas poemas.

A sua alma adolescente, nas suas aspirações de amor, nos seus sonhos e devaneios, na recordação de cenas íntimas, na luta das suas oasadias com os seus recelos, ministrou-lhe assuntos a outras composições, numerosas e variadas, que constituíram a maior parte do volume.

Já se tem chamado a Casimiro "o poeta do amor e da saudade" e afigura-se-me razoável a denominação, mas com uma ressalva. Não se tome ali "amor" como significando aquele sentimento, profundo e aborrecido, capaz de dominar uma existência inteira. Embora o poeta nos diga que "amou outrora com amor bem santo os negros olhos de gentil donzela" e faca outros confissões semelhantes, e José Veríssimo lhe sinta nos versos "a impressão pungente de um amor infeliz que lhe deixou a alma malferida e para sempre dolorosa", (4), a mim parece-me que Casimiro é, sim, o poeta do amor, mas do amor que vai nascendo, que mal desabotoa a alma virgem, que cria, ele próprio, o seu objeto, mas que ainda não viu, fora do domínio da fantasia, no mundo real, esse objeto concretizado para nele se empregar, se assim me posso exprimir, de corpo e alma.

E' um amor como o de aquela magnética que presente o norte, o busca com ansiedade, mas que outros centros de atração ainda desviam do rumo certo e fazem oscilar em continuo desassossego. De fato, através das poesias de Casimiro, entrevejo um adolescente que, sensível aos encantos da mulher menina e moça, em mais de uma supõe encontrar a realização da virgem dos seus sonhos e arde em desejos de a cada instante lhe dar bellos e abraços, sentir-lhe as suas carícias, e a seu lado ter vida que a ambos deslize com a serena doçura da felicidade. Dirige-lhes galanteios, diz-lhe coisas amáveis e ternas, posta de todas, — mas ainda não ama, verdadeiramente, a nenhuma.

Os temas de Casimiro, se bem que às vezes possam parecer pueris, não deixam nunca de interessar ao leitor, porque ele soube dotá-los de valor poético, e porque são humanos, como reflexo de uma alma jovem e moça, que vibrou ao influxo da mulher, amou a terra natal, (Continua na página 152)

A vida e a poesia de Casimiro de Abreu - SILVIO ROMERO

Bem diferente do de Teixeira de Mello foi o destino literário de Casimiro de Abreu; não houve jamais entre nós poeta mais lido, tem sido o predilecto do belo sexo nacional. E essa no-riedade é merecida; o mago fluminense foi um espírito de merecimento.

Em torno do seu nome formou-se logo uma legenda de solamentos, e outorgaram-lhe a coroa do martírio.

O poeta, na opinião geral, haveria sido uma pobre vítima de rigidos padrões; teria sido atado no poste do comércio como a um suplicio; teria sido contrariado em sua vocação maltratado, injuriado, por entregar-se a qualquer leitura; não teria recebido educação alguma literária; teria sido destruído para Portugal afim de lhe acabarem ali com as vaidades e romantismos em poeta.

Na em tudo isto mais de um ex-voto e mais de uma ilusão. O próprio Casimiro de Abreu, nos prólogos que pôs em frente das *Primaveras*, de *Camões* e o *Jau*, e no fragmento *A Virgem Louca* oferece documentos para as lamentações que levantaram a conta de seu martírio.

Uma intenção revela-se em sua poesia:

"Ha dores fundas, agudas, lentas,
Duras pungentes que ninguém con-
hece
Do suplicio sequer!
Machos maiores do que a dor dum
ida
Do que a morte bebida em taça mor-
tua
de lábios de mulher!
Duras fúrias de amor que o vento es-
trófia,
Juras centenas de constâncias eternas
trechadas ao viver:
Por fim o ódio de passados net-
tos
São dores essas que o tempo cicatriza
Mas não me voltar.
Ne a dançala infiel nos rasga as fúrias
Do fúrio da vida, moçoado e triste
Súplicas e rancores
Min dentro outros olhos nos estavam
E dentro vamos em delicias novas
Arder contra peão.
Amor é o rio claro das delícias
Que atravessa o deserto, a veia, o
lápido,
E o mundo todo o tem?
Que importa ao viajor que a sede
labras,
Que quer habitar-se nessas águas
fúrias.
Ser aqui ou além?
A vela cerra, o luto não se estanca,
E as verdades místicas não se cretam
lúcidas
Na calma dos verões,
Ou quer na primavera, ou quer no
inverno,
No dor anelo do luar das ondas
Pulsantes corações.
Não a dor sem chra, a dor que mata.
E, nunca nida, o porrebr na morte
A divida a sorrir!
E a perda, dura dor futuro inteiro
E o desolador cenário das gentis co-
rasas.
Dos sonhos do porvir!
E ver que nos arrancam uma a uma
Das nos do talento as penas de arca,
Que vomam para Deus!
E ver que nos apagam da alma as
fúrias
E que profanam o que santo temos
Cão riso dos almas!
E mobilizar a fúria tremendo
Nem mesmo dia, de fúrias doradas,
Tis candidas do fe!
E ver sem as a vocação forçada
Por quem devera dar-lhe alento e
fúria
E respaldar a até!
E viver, flor nascida nas montanhas,
Para acalmar-se, apertada numa es-
trita.
A falta de ar e luz!
E viver, tendo alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as
dores
Corregendo a cruz!
Oh! ninguém sabe como a dor é
fúria,
Quanto pranto se engole a alma
fúria,
A alma nos de-lar!
Horta há em que a vez quase não-
fúria,
E o suicidio nos acena no luto
Das longas autônticas!"

Devemos ler estas e outras ti-
tadas semelhantes, com grato
satis.

Não é verdade que o mance-
bo não sofresse contrariedades
na vida, dessas contrariedades
de menino, de criança, dinamos
assim, que intenção seguir um
rumo que não é precisamente
aquele que a família deseja.

Nos temperamentos excessi-
vamente impressionáveis e do-

entios, como o de Casimiro, às
vezes essas pequenas lutas,
transformam-se em grandes
pugna e deixam sulcos inapa-
gáveis.

Mas daí a concluir que sua
bela infância na Barra de São
João, sua estada na poetica Fri-
burgo, onde estudou alguns pre-
paratórios, sua residência, na
esplêndida Rio de Janeiro, on-
de foi caixeiro estimado, e na
histórica Lisboa, onde exerceu
igual profissão com a mesma
distinção, concluir que tudo isto
foi o inferno em vida, parece-
mo um pouco exagerado.

Nem tanto, ao mar, nem tan-
to a terra; nem vida de rosas
nem tristes inquietudes.

E' preciso que me compreen-
dam: eu não contesto a sinceri-
dade do poeta quando nos re-
lata os seus sofrimentos. Creio
bem em tudo que nos conta.

Censuro os excessos dos seus
panegiristas insensatos e pro-
curo diagnosticar-lhe a verda-
deira medida e intensidade das
dores.

Tudo aquele barulho era ape-
nas pela mor parte um desequi-
líbrio orgânico e subjetivo, estu-
mulado por uma exquisita ma-
nia da época.

O poeta foi vítima de sua or-
ganização frágil e debil e de
dos tólices e extravagâncias do
meio social que o cercava.

E' certo que o pai lhe vedou
a matrícula numa academia e
o ritiro ao comércio.

Este fato simolossimo, e mul-
tas vezes vanitoso, escandeu
a cabeça do poeta e apareceu-
lhe como um suplicio intolerá-
vel. Daí a exacerbação a riste-
za, o desespero intimo. Tudo
para subleidade.

A razão disto? E' a seguinte:
naquele tempo, estávamos na
fase agudíssima da sensibilidade
nacional: o romantismo mel-
ancolista imperava sem es-
torço algum.

A sociedade dividia-se em
dois grandes grupos, os homens
práticos e nobilitos e os poetas
e sonhedores.

Os primeiros eram os homens
sérios, os outros eram os bó-
micos, os sérios alterados de
ideal; aqueles eram os *burgueses*
chatos e estúpidos na lin-
guagem dos *cénticos*; estes para
os seus inimigos não passavam
de uns *malucos*, uns *extran-
gantes* noivos.

O descendente não podia ser
mais completo.

Os tais homens sérios tinham
sua profissão de fé e o primei-
ro artigo dela era a guerra aos
teríveis *incantados*, os *desalma-
dos* poetas; o segundo artigo
era a propaganda, e o endoesa-
mento da ignorância.

Os intitulados *gênticos* tinham
seu programa, cujo
primeiro artigo era a libação do
coração e o segundo era a va-
diagem.

Havia por certo algumas ex-
cessões de um lado e doutro,
mas essa era a intuição geral
da época.

Literatura e comércio eram
duas coisas inconciliáveis; poe-
sia e comércio eram o cão e o
gato, viviam em perpétua luta,
as duas profissões eram incom-
patíveis.

Ainda me lembro bem do
tempo em que a condição pri-
mordial para ser bem aceito no
comércio, ser logo bem empre-
gado e ter boa e forte protecção
era ser bem estúpido, ter a ca-
beça bem fechada às insinua-
ções das letras de forma.

Era isto justamente na época
em que para os poetas e litera-
tos a carreira do comércio era
a região do *prosaismo* duro e
insuportável.

Quanto ilusão, quanto des-
prezo de uma banda e dou-
tra!

Ao pai de Casimiro, burguês
ignorante do velho estilo, a
ideia do filho querer ser ho-
mem de letras, escritor e poeta,
afigurava-se um disparate, uma
imitação da *vaflagem* literária
do tempo. Ao moço poeta, ideal-
ista, sonhador, o comércio sur-
tia na imaginação como a re-

gravação da morte que lhe
vinha criar todos os deva-
netos e esperanças. Era a luta
entre dois animais bravios e fe-
rozes: o *carrancismo* e o *rom-
antismo*. Aquela era essen-
cialmente portuguesa e o outro
estava já cheio de cismas e
sentimentalidades brasileiras.

Era uma luta em falso, oriun-
da de uma pessima orientação
social.

O pobre poeta, especialmente
foi vítima de preocupações
fantasistas de seu meio, exa-
geradas por seu temperamento
morbido, preocupações que não
leve força para combater.

Hoje tudo isto passou; já
achamos, tão prosaica a vida
mercantil, nem tão poetico o
doutorismo, muitas vezes iner-
te e que leva não raro ao com-
pleto pauperismo.

Casimiro de Abreu, em sua
ingenuidade, supunha ser mais
adequado à poesia o viver do
homem graduado numa academi-
a qualquer. O poeta gesejava
talvez formar-se em direito.

Ora, os nossos bachareis, em
direito, que não se vão meter
no comércio ou na lavoura, as
duas profissões, *anti-poéticas*
dos românticos, ou vão ser ad-
vogados, ou magistrados, ou
empregados de secretaria, ou
professores...

Qual destas carreiras é mais
poética do que a do comércio?

Será a do advogado a lutar
com velhacos de toda a casta,
com mercurios enebriados e es-
crivães capciosos e grosseiros?
Será a do magistrado a lutar
com ladrões, assassinos e re-
laxos de toda a ordem?

Será a do empregado de se-
cretaria a azimficar-se no meio
da papetada do expediente e
das importunações dos preten-
dentes?

Será a do punhado de profes-
sores dos cursos jurídicos e dos
cursos secundários a ouvir mul-
tas vezes sandices de rapazes
vadios ou estúpidos?

Creio que não. Parece-me que
em todo caso antes a carreira
mercantil, tão cheia de enca-
ntos, especialmente nas lojas e
armazinhos elegantes, residên-
cia habitual do *high-life* em
mal de uma cidade rica e pre-
tendida mui civilizada...

Em que pese a Casimiro, não
creio no *prosaismo* do comér-
cio.

Esta nobre profissão e esta
ilustre e poderosa classe, um
dos mais valentes propulsores
do progresso universal, poderá
ter os seus ridiculos, os seus as-
tros e emperamentos; mas pos-
sue em compensação muita vi-
da, muito entusiasmo, ia dizer,
muita poesia.

E quantos poetas não a tem
segundo e cultivado, sem por-
lão perder ou sequer enfraque-
cer o estro!

E' o caso, entre nos, do gran-
de Fernando Schmidt, célebre
poeta alemão conhecido sob o
pseudônimo de Dranmor.

E para que estas e outras con-
siderações que poderia alegar?
O poeta é, o poeta nasce, como
diz o povo.

Não é a carreira que, na luta
pela existência no embate das
relações sociais, lhe é dado
abracar que o val fazer poeta.
Se tal fora, não teriam apareci-
do nem Dante, nem Tasso,
nem Camões, e menos ainda
Shakespeare, verdadeiro homem
de negócio.

Eis porque são um *testimo-
nio* *naupérrico* da crítica de
Ramalho Ortigão, o habil folhe-
tista português, estas pala-
vras suas, referindo-se a Casi-
miro de Abreu:

"H's horas tristes em que a
sauidade lhe turbasse a vista
com lágrimas, e o tedio lhe
obscurecia a soltar dos dedos a
pena empregada no *mercado*
lavor da *aritmética*... Jun-
ta dele, acorrendo-o e escar-
necendo-o, a *desacelada* *labu-
tação* do *tráfego* mercantil.
As poesias *Anto*, *Horas Tristes*,
Sonhando, *Notado*,... são bri-
lhantes provas da terrível luti-
em que devia de encontrar-se

lavados o *gêntico* do poeta e o
espírito do *caixeiro*..."

Estes dizeres do folhetinista
português, são um irrecusavel
atestado de sua profunda inca-
pacidade critica.

Ainda se banqueteia na
mesa dos sonhedores românti-
cos, proclamadores da incon-
patibilidade da poesia e do
trabalho.

E' que o sr. Ortigão, dispo-
do apenas de certa habilidade
descriptiva, especialmente para
paisagens e festanças, é sofri-
velmente despido de cultura-
filosófica e científica, e notavel-
mente desajetado quando ma-
neja a critica literária, ou ar-
tística, ou politica, ou social.

Tal a razão pela qual de su-
as duas grandes publicações
jornalísticas *As Farpas* e as
Cartas Portuguesas os melho-
res trechos são os que descre-
vem as cenas das viagens do au-
tor em Portugal, na Holanda, na
Inglaterra, etc.

Essa habilidade descriptiva,
existente já no *livrinho* de via-
gem intitulado *Em Paris*, acha-
se bem acentuada no volume
tambem de viagem sobre as
Pratas de Portugal e no seu guia
de viagem sobre *Banhos de Cal-
das e Aguas Mineraes*.

O próprio autor tem concien-
cia de ser-lhe esse dom prin-
cipal do talento, quando de suas
duas grandes coleções de folhe-
tins, *Farpas* e *Cartas* separa os
trechos de eloquência *voyageu-
se* e com eles forja livros como
John Bull e *A Holanda* abun-
dantes em bem sofríveis pági-
nas de prosa descriptiva e repe-
tos de banalidades criticas de
toda a espécie.

E é a um simples escritor
destes que se lembraram de
chamar o *Taine* português!

Seu artigo sobre Casimiro de
Abreu é sem préstimo: camba-
leio de fraco o pobrezinho.

Vamos adiante procurar por
outros sitios e com outros guias
a compreensão perfeita do poe-
ta.

Casimiro de Abreu é de 1837;
seu talento poético desenvolveu-
se de 1854 a 60, ano de seu fa-
lecimento.

Foi na crise aguda do lamu-
rilar dos românticos.

O poeta, franzino do corpo,
predisposto a tuberculose, fez
de seu coração um ninho para
asilar e aquecer todas as ilusões,
cismas, vaporesidades, sonhos
irrisados e fantasias aladas de
seu tempo.

Esta impressionabilidade mó-
rbita e expressa na linguagem
e nas formas mais simples do
falar português enriquecido so-
norizado, amenizado no Brasil,
ela a poesia de Casimiro de
Abreu.

A facilidade dos tons, a des-
pretençiosidade da plástica lhe
dão todo o valor.

O poeta fala-nos de suas ma-
goas, de suas ambições, de seus
anelos naquele mesmo tom em
que se queixaria a sua mãe das
sauidades, que teve por ela na
anélida ou das dores que sen-
tia em seu debil peito ao borbo-
tar as golfadas de sangue. Nin-
guem resistia, não há coração
que não se abraça.

Doce e miserando moço que
remova chorar contiro as dores
que nos contas em tão sonora
linguagem: dá-nos dos seus suspi-
ros, reparte conosco a tua
monodia! E' a linguagem de to-
dos.

A poesia aqui é tão íntima,
tão pessoal, que dizer mal dela
equivale a dizer mal do car-
ácter do poeta; e quem seria
cozias de deixar de amar um
tão delicado e sincero compa-
nhelro?

Importa isto absolver comple-
tamente a tristeza sistemática
da poesia romântica? De forma
alguma. A tristeza sistemática
é afetada e será sempre cen-
suravel; mas Casimiro foi sin-
cero e escapa às severidades da
critica.

Hoje as coisas estão mudadas;
não existem mais tristezas e la-
mórias afetadas; agora estamos

no período das alegrias, dos en-
tusiasmos fingidos.

Os que principiamos a ler os
poetas e escritores há uns vin-
te ou vinte cinco anos atrás
ainda encontramos a literatura
mergulhada nas trevas da mel-
ancolia.

Assisti e tomei parte na rea-
ção contra esse estado de pre-
guica mental.

E' preciso, porém, dizer aos
de hoje, que já acharam a mu-
tação feita, como era aquele
lamurilar literário e que bata-
lhas foi preciso ter para debel-
ar o inimigo e preparar o atual
estado de coisas que eles, os
presunçosos de hoje, julgam
ser obra sua...

Em 1870 comecei a atacar o
inimigo, e em 1872, a propósito
da poetisa Narcisca Amalia, que
ainda teimava em choramingar,
em fazer de Casimiro de Abreu,
menos a sinceridade, escrevi isto:

"Na vida da literatura no sé-
culo atual há um quadro mal
desenhado, um quadro som-
brio, que há de parecer extra-
vagante a futuros apreciadores:
é o da tristeza romântica.

Parece impossível que a uma
vivacidade científica seria e
despreocupada junta-se o nosso
tempo uma expressão artística
solenista e mórbida. Mas o
falso é real e tem a sua justifi-
cação histórica. O que parece
a todo propósito insustentavel
é a teima impertinente de se
querer sempre, hoje como on-
tem, chorar pela mesma gama,
suspitar fingidamente pela
mesma chave. E' uma inconsi-
derada porfia que se destina a
mostrar carunchosa e ridicula
ao vindouro observador.

O papel da tristeza e da aleg-
ria na literatura contemporâ-
nea é um sintoma bem pouco
para contentar. Os poetas lan-
çaram-se precipitadamente alem
do termo da estância querida
do seu ideal: a melancolia deli-
da de ser um estado mais ou
menos passageiro do espírito
para tornar-se, extremo des-
propósito!... o alvo supremo
dos sonhedores.

Como o misticismo alexandri-
no procurava na destruição a
suprema condição para fruir a
eterna verdade o romantismo
dos últimos tempos buscava no
desespero sentimental a *última*
ratio do belo infinito! A doen-
ça propagou-se desumana e
atrozmente; tornou-se endê-
mica.

Em meio do geral desânimo
a alegria afogou-se em pran-
tos, velou-se de soluços, sumiu-
se, e, quando ousova mostrar-se,
era forçada e mentida.

Era o *humorismo*, essa cria-
ção moderna, esse rir desconso-
lado e faciente de uma triste-
za falsa, que se supunha in-
curável. A natureza humana
se achava contrafeita; e certa-
mente a história bem estava in-
dicando qual devia ser o ideal
do século XIX.

A alegria pagã, serenidade
majestosa da vida sã da anti-
guidade; a agonia dolorosa do
espírito ascético medieval, anelo
místico do teologismo cristão,
tinham passado.

Exclusivas, na órbita da res-
pectiva evolução, legaram ao
tempo da Renascença um espí-
rito dúbio, que, pendendo, já
para o sonho e para o céu, já
para a realidade e para a ter-
ra, distendeu-se no período de
três séculos até nós.

No século atual os dois im-
pulsos deviam contrabalançar-
se. Mas não foi assim; e vimos
que na sua primeira metade
este século pertenceu quase ex-
clusivamente às cismas do
transcendentalismo, e só a custo
agora vai buscando a direção
oposta, lá parecendo que pre-
tende exagerar-se. O idealismo
abstruso e o empirismo grossel-
ro perderam o sentido das suas
lutas. A ciência moderna pisa
em um terreno mais sólido em
que não se nos deparam na ex-
travagância. E' o que a histó-
ria vai fazendo para as produ-
ções da humanidade, filhas do

sentimento e as citações oriundas da inteligência. Uma e outras correspondem sempre em todos os tempos aos impulsos do homem para explicar-se a enigmas do universo.

As velhas doutrinas poéticas e religiosas de um lado e as metafísicas e científicas de outro, têm um desagravo justo, que deve porém ficar nas páginas da história.

E é o que não compreendem todos aqueles que ainda hoje lhes querem dar o influxo da vida.

Os poetas da primeira porção deste século excederam-se; a sua tristeza foi vestindo todas as formas possíveis até a de *jujuda alegre*.

Esta em sua vitalidade exata raramente denunciava-se. Tão raramente uma falsa expansão da vida. Os clismadores enganaram-se. O alvo, o fim, o ideal da arte, repita-se a verdade mil vezes, está em estabelecer a realidade do homem e da natureza.

Ora, a existência de ambos não se afirma nem pela alegria nem pela tristeza, que são momentos excepcionais, são horas de anomalia. Quando um dos dois cai em algum dos extremos arranca-nos logo o espanto. "Que tarde linda!" fala a moça que sente um vago medo diante do céu carregado... "Que adivinhas?" diz o velho à moçoila, que locamente gargalha... Ouvimo-lo diariamente. E que a tristeza, bem como a alegria, em sua expressão exagerada, passa pelo coração como rápidos fogos de luz ou de sombra que correm sobre o fundo límpido da vida.

O íntimo desta é a atividade, a luta, o trabalho, cuja fisionomia principal é a *sinuozidade*. E, sejam justos, não é mais consolador, depois de tantas ilusões arrancadas, depois de se passar áspero das revoluções, mostrar-se a humanidade serena e ativa, seria e desapaixonada?

Não é mais sublime a poesia que partindo do íntimo de um coração por onde ficaram as impressões do flagelo, qual uma onda alva, cristalina, transborda por cima dessas negruras e via exalar-se adiante fulgurante, transparente? Mais valente, por certo, é o coração, que além dos dissabores da vida, pode, calando-os, arrojá-los a ode esplendida de maravilhas.

E a poesia impávida, essa suave ambrosia que os efeitos de tempos a tempos veem dar-nos a saborear.

Sugueiros esses perfumes que são hoje os que mais nos podem aviventar. Depois da revolução política do século passado, tivemos o romantismo piangente por uma aberração; depois da revolução filosófica e religiosa, que vai adiantada, tentamos a poesia humana, sem deliquios, sem extravagâncias. Tem ela por condição mostrar-se serena e majestosa, como a vida do homem da virilidade. (1)

O belo talento de Casimiro de Abreu deixou-se influenciar pela intuição geral de seu tempo.

A poesia sentimental, recordativa, pessoal, íntima, toda evadida de melancolismo é que ressoa principalmente no seu alarde.

Os exemplos pulam em todos os livros das *Primaveras*; e abrir o volume e ler ao acaso. Os dotes principais do poeta são a simplicidade e a espontaneidade da forma aliadas ao calor e à intensidade do sentimento.

E muitas vezes um cantar de fogo disfarçado em volutas de brisa e subitismo como coelhos de cores e flores; é alguma coisa de doloroso, de veemente velado em gazas de seda e arminho; sentido como uma punhalada, mas suave e macio como pétalas de odorosos jasmims.

Não quero ir longe; basta-me abrir a primeira página e ler a invocação a A...:

"Vale a ti—doce virgem dos meus
Visto dourada dum claror tão puro,
Entre as raras gentes do meu futuro,
Tu me inspiraste, oh musa do silêncio,

Mimosa flor da lânguida saudade!
Por ti correm meus auros ardentes e
Nos verdores febris da mocidade."

(fonco)

Em vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu ombro debruçar-te a
[medu]

A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes mulls de algum segredo!

Por ti que me embargues, cantando e
[rindo]

— Marinheiro de amor — na hotel
[curvo]

Rugando afento em hinos despe-
[rança]

As ondas verde-azues dum mar que
[se turva]

Por ti corri sedento atrás da glória,
Por ti que meimels cedo em seus fol-
[lores]

Querias de harmonia encher-te a vida,
Palmas na fronte — no recato flores!

Tu, que foste a vestal dos sonhos
[douro]

De anjo tutelar dos meus anjos
[brun]

Estende sobre mim as asas bran-
[cas]

Desenrola os anéis dos teus cabelos!
[brun]

Muito cele, meu Deus, cresceu-me as
[calas]

Muito vento do sul varreu-me as flo-
[res]

At de zito — se o relevo de teus
[teios]

Não profanasse o jardim das meus
[amores]

Não te esqueças de mim! Eu tenho o
[peito]

De santas ilusões, de crenças cheias!
[brun]

Guarda os cantos do louco ver-
[melho]

So leito virginal que tens no seio.

Podes ler o meu livro: — adoro a in-
[fância]

Deixa a escola na enxada do meu
[dado]

Cresce em Deus, amo a pátria, e em
[notas lindas]

Minha — aberta em flor — so-
[lha contida]

Se entre as coisas das minhas — Pri-
[ma]

Rouver ruas gentis, de espinhos
[ma]

Se o futuro tirar-me algumas pal-
[mas]

As palmas do cantor — são todas
[tuas]

A poesia chorosa e senti-
[mentalista], tão monótona em

Soares de Passos por exemplo,
em Casimiro de Abreu é goso-

samente legível.

E que a imaginação travessa
do brasileiro sabe ungi-la de

graciosidade: é que muitas no-
tas alegres e saborosamente

cômicas aparecem para diversifi-
cá-la, para diferenciá-la atra-

tivamente.

Esta última circunstância não
tem sido notada convenientemente

em Casimiro de Abreu: sendo,
entretanto, uma das me-

lhores manifestações de seu ta-
lento.

O poeta não foi só um senti-
mentalista, qual se diz geral-

mente, foi também algumas ve-
zes expansivo e deliciosamente

alegre. Esta nota acha-se em
Cena Íntima, Juramento, Segre-

dos, Quando?

Por ser o poeta muito conhe-
cido quero ser parco em cita-

ções.

As peças que reproduzi —
Dores e A servem bem para

exemplificar o seu estilo na
poesia melancólica e na amoro-

sa.

O Juramento é só por si su-
ficiente para mostrar o talento

falado do poeta:

"Tu dizes, é Marquinhos,
Que não creio nas tuas minhas,
Que nunca cumpriras não!
Mas se eu não te tirei nada,
Como há-de te, estouvada,
Faber se eu as cumpri ou não?

Tu dizes que eu sempre mintio,
Que protesto a que não sinto,
Que tudo a poesia é tário,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, neste instante,
Eu vou provar-te o contrário.

Vem cá, levanta a mão lado,
Com esse rosto adorado,
Brilhante de sentimento,
Ao reló o braço estendido,
Olhar no meu embebedo,
Escuta o meu juramento.

Espera: — inclina sua fronte...
Assim: — Paresce no monte
Alto Hilo debruçado!

— Agora, se em mim te fias,
Fico veria, não te rias,
O juramento é sagrado:

— Eu juro sobre estas tranças,
E pelas chamadas que lanchas
Deves ter olhos divinos;
Eu juro, minha inocente,
Embalado de dormente,
Ao som dos mais ternos hinos!

"Pelas oedias, pelas flores,
— Que se estrechem de amores
Da brisa no sono lúcido;
Eu juro, por minha vida,
Deixar-me a teus pés, querida,
Humilde como um cativo!

"Pelas lírios, pelas rosas,
Pelas estrelas formosas,
Pelo sol que brilha agora,
— Eu juro de hoje, de hoje,
Quarenta beijos por dia,
E dez abraços por hora!"

(Continua na página 137)

Casimiro de Abreu O EXQUISITO CANTOR em face do moder- DA SAUDADE Ronald de Carvalho

Carta de Ribeiro Couto a Carlos Drummond de Andrade

O movimento modernista brasileiro não foi apenas uma agitação literária, expressa em livros, conferências e artigos de jornal e revista. Foi também alguma coisa de mais íntimo e cordial; a comunicação entre os espíritos que se sentiam tocados de uma inquietação comum e realizavam, cada um à sua maneira, a mesma experiência cheia de emoção e surpresa. Assim, restam desse período não somente páginas impressas, que toda gente mais ou menos conhece, restam cartas, numerosas e curiosíssimas, as alíneas, talvez, que os escritores brasileiros se dirigiram uns aos outros. Cada um dos elementos que se empenharam na campanha modernista pode mostrar um arquivo opulento de recordações. Esses homens, aparentemente ferozes, cartavam-se com ternura e punham muito de si mesmo nas confidências epistolares. A um desses arquivos do modernismo — o do sr. Carlos Drummond de Andrade — é que fomos tirar a carta, deliciosa por mais de um aspecto, em que o sr. Ribeiro Couto, tantas vezes apontado como continuador e herdeiro de Casimiro de Abreu, expõe a sua interpretação da obra casimiroana. Vale registrar o testemunho desse moderno sobre o romântico das "Primaveras". O poeta do "Jardim das Confidências" escrevia de Pouso Alto, em 29 de novembro de 1925:

"... Positivamente, eu devia ter mandado a outra carta. Nella, abrindo-me com Vs., eu falava "dos meus pontos de vista". E capava do Graça porque me dissera um casimiro, pensando que me reduzia... Ora, se eu sou exatamente um neto de Casimiro! Isso eu enxerguei sempre em mim. Não tratei de indagar nunca se era qualidade boa ou má: constatei apenas a realidade. De resto, há nelos do Casimiro com talento e nelos sem talento... Agora, tenho paciência: Casimiro é a sensibilidade mais rica da nossa literatura de ontem.

Os parnasianos puseram em moda o debique as "Primaveras". Tempo houve (e nele eu saíra para a poesia) em que chamar casimiro a um cavalheiro era tão ofensivo quanto hoje... chamá-lo parnasiano. "Tost" passe!"

Felizmente, passou o prestígio dos parnasianos — esses alfares de primeira classe da poesia. Com eles, passou o gosto de caçar de um poeta... que ninguém conhecia.

De fato, V. mesmo, V. que me considera um casimiro, V. — de-me a sua palavra de honra — V. já leu a obra do Casimiro, de Abreu? Estou em furor que V. conhece dele algumas poesias, as melhores poesias, o suficiente para que V. possa avaliar o resto. Porém, se esse direito lhe cabe, não cabe entretanto aquela gentia de mentalidade estreita, de visão-torre-de-marfim, que se chamou neste país a geração parnasiana, da qual restam uns parentes colaterais como o Martins Fontes.

Há dez anos eu ficaria alito (como ficava) se alguém descobrisse na minha versalhada, do ponto de contato com o tísico de S. João da Barra. Hoje já não é assim. Porque, de um modo geral, eu considero parentes de Casimiro de Abreu todos aqueles que tem uma nota de desencanto. V. não esqueça que ele morreu aos 23 anos. Não esqueça a vida do pai. Não esqueça o ambiente de província. Não esqueça o menino doente em Portugal. Tudo isso nos obriga a chegar a esta conclusão: Casimiro foi a nossa maior organização lírica (no sentido restrito, este lírico), porém não te-

Casimiro de Abreu (1837-1860) é o mais exquisto cantor da saudade na velha poesia brasileira; sua obra é um grito de amor por tudo quanto andava distante de si, pela terra e pela família, de onde se apartou ainda infante, para satisfazer os caprichos de um pai relativista e prático.

Suas impressões da natureza fazem lembrar as de Gonçalves Dias, de quem herdou não só a sensibilidade mas também as agruras do exílio. Não há em seu estilo os requintes do de Alvaros de Azevedo, nem a pujança do de Castro Alves; suas preocupações literárias não lhe ultrapassam o coração, ficam-lhe a flor da alma de adolescente predestinado. A natureza lhe aparece quase sem fulgurações, nas horas de maior melancolia. Não conheceu sua inteligência as grandes dúvidas da vida, mas somente as de um amor apaixonado e ingênuo, que adivinhava a infelicidade próxima e pressentia a borrasca inevitável que o ameaçava.

Casimiro não se revoltava, entretanto. Suplicava, não reagia nem com a "tropa bronzada" do poeta das "Vozes d'Africa", nem com a ironia acida, às vezes mesmo cínica, do autor da "Noite na Taverna". "Meu Lar" revê perfeitamente o modo por que ele recebia esses golpes da fortuna que, afinal, o abateram.

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
As folhas ser doces;
E ver se apanho a borboleta branca
Que voa no vergel!

Quero sentar-me à beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sozinho cismando no crepúsculo
Os sonhos do porvir!

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava,
Lá na quadra infantil,
Da que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil

Minha canpa será entre as mangueiras,
Banhadas ao luar,
E eu contente dormirei tranquilo
A sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulcro os meus amores,
Na terra onde nasci!

Sua vida era um desejo constante de felicidade íntima e sossegada, feita de sereno bucolismo, entre os pássaros, as águas e as árvores do bom Deus, sem grandes torturas de espírito, nem outras cogitações que não fossem a família e a poesia. Os homens não lhe perturbavam o sonho discreto e meigo; passavam-lhe pela memória como sombras apagadas e longínquas, sem realidade quase. Suas impressões prendiam-se todas no fundo brumoso do passado, à ingênua infância de "livre filho das montanhas", quando

..... lá bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pes descalços braços nus —
Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azues.

Não se lhe encontrara, porventura, em todos os versos uma só blasfêmia contra as crenças, bebidas na meninice, e conservadas na juventude malsinada pela doença e pela miséria moral. E que ele ainda não sabia definir as coisas que o rodeavam e os pensamentos que o oprimiam, senão com as palavras ingênuas aprendidas nas vozes maternas. Seu Deus não era nem a criatura transcendente de Magalhães, nem a visão mística de Junqueira. Era apenas um anjo maior e mais poderoso que os outros. Não era um Deus do espírito, mas do coração.

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramava,
E erguendo o dorso ativo sacudia
A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse à minha mãe nesse momento:
— Que dura orquestra! Que furor insano!
Que pode haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?"

Minha mãe a sorrir olhou prós céus
E respondeu: — "Um ser que nós não vemos:
E maior do que o mar que nós tememos
Mais forte que o tufão! meu filho, é — Deus!"

Para ele, a natureza sorria, às vezes: os ramos tortos e as folhas secas douravam-se e reverdeciam na luz do seu olhar.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brota aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manã colhido
Enfeita a frente da aldeia modesta.

A natureza se desperta rindo.
Um hino imenso a criação modula;
Canta a calhandra, a juriti arruina,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

A'egre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga.
Murmura a brisa: — Como é linda a velga!
Responde a rosa — Como é doce o orvalho!

(Continua na página 100)

A POESIA DE CASIMIRO DE ABREU

NO LAR

I

Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
— Ave sem ninho que suspira à tarde. —

No mar — de noite — solitário e triste
Fitando os lumes que no céu tremiam,
Avido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos viam.

Era pátria e família e vida e louco
Glória, amores, mocidade e crença,
E todo em choro, vim betar as praias
Porque chorava nessa longa ausência.

Ela-me na pátria, no país das flores,
— O filho prodigo a seus lares vo-eve,
E concertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve! —

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu teto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,
Árvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! como es linda minha terra d'alma,
— Noiva enfeitada para o seu noivado! —

Foi aqui, foi ali, aiem... mais longe,
Que eu senti-me a chorar no fim do dia;
— Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais seca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
— Como está velho o laranjal tamanha
Onde eu caçava o sanhaço à laço!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada m'esquecei... e esquecer quem há-de?...
— Cada pedra que eu paipo, ou tronco, ou toalha,
Fala-me ainda dessa doce idade!

Eu me lembro recordando à infância,
E tanto a vida me palpita agora
Que eu dera, oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver doutora!

E a casa? ... as salas, estas móveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratório... a sala grande
Onde eu temia penetrar no escuro!...

E ali... naquele cano... o berço armadão!
E minha mãe, tão gentil, dormindo!
E mamãe a contar-me histórias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Oh! primavera! oh! minha mãe querida!
Oh! mãe! — anjinho que eu amei com ansia —
Vinde ver-me em colúrios de joelhos —
Beijando em choros este pó da infância!

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos de amores,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas na aldeia
Diz o povo à boca cheia:
— "Mulher mais linda não há!
Ai vejam como é bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores na samburá!" —

Tu és meiga, és inocente
Como a rola que contente
Voa e folga no rosal;
Envolta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas falas,
Morena — não tens rival!

Tu, ontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da fonte
A fresca sombra do til;
Regando as flores, sozinha,
Nem tu sabes, Moreninha,
O quanto achai-te gentil!

Depois segui-te calado
Como o pássaro estaimado
Vai seguindo a juriú;
Mas tão pura ias brincando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti!

E disse então: — Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás.
Eu dou-te noite de rosas

MORENINHA

Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não há;
Ninguém t'igualou ou t'imita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores na samburá!

Tu és a deusa da praça
E todo homem que passa
Apenas viu-te... parou!
Segue depois seu caminho
Mas vai calado sozinho
Por que sua alma ficou!

Tu és bela, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós;
Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas também a voz:

— "Oh! quem me compra estas flores?
São lindas como os amores,
Tão belas não há assim;
Foram banhadas de orvalho,
São flores do meu serrallo,
Colhi-as no meu jardim." —

Morena, minha Morena,
Es bela, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
— Tu vendes flores singelas
E guardas as flores belas,
As rosas do coração!...

Moreninha, Moreninha,
Tu és das belas rainha,

Terra da minha pátria, abre-me o seio
Na morte — a ao menos.....
GARRETT.

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exílio!
Tanta dor me cortou a voz sentida,
Que agora neste gozo de proscrito
Chora minh'alma e me acumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bela,
Que eu, Senhor! não vivi — dormi apenas!
Minh'alma que se expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que amor que eu sentia nessas noites!
Quanto beijo roçou-me os lábios quentes!
E, pallido, acordava no meu leito
— Sentindo — o orfão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silêncio e na voz desta natura;
— Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flores da esteada mais pura.

Quero amor! quero vida! os lábios ardem...
Preciso as dores dum sentir profundo!
— Sofrego a taça exgotarei dum trago
Embara a morte vá topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
— Alma de arcaujo que me fale amores,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! quero amor! Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabelos;
Pesto lindo de fada vaporosa
Que dê-me vida e que me mate em zeloso!

Oh! céu de minha terra — azul sem mancha —
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no ocaso,
Nevens da tarde que cobris o monte;

Perfuma a floresta, ramos doces,
Mansa lagôa que o luar prateia,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquilas que morre na areia;

Aves dos bosques, bravia nas montanhas,
Benevis do campo, sabias da praia.
— Cantai, correi, orfãos — minh'alma em ânsias
Treme de gozo e de prazer desmaiado!

Fúres, perúrias, solidões, gongozos,
Arde, ternura — noduliza-me a ira!
— Seja um poema este fervor de idéias,
Que a mente clama e o coração suspira.

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me transcorra o peito...
— Basta-me um ano!... e depois... na sombra...
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Ah! canto, eu choro, eu rio, e grito e louco
Nos pobres rimos te bendigo, oh! Deus!
Desto-me os gozos do meu lar querido...
Bendito sejas! — vou viver e' os teus!

O QUE É
SIMPATIA

A UMA MENINA

Sympatia — é o sentimento
Que nasce num só momento,
Sincero, no coração;
São dois olhares aceros
Bem juntos, unidos, presos
Numa mágica atração.

Sympatia — são dois galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe às vezes nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por fim.

São duas almas bem gêmeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram nos mesmos ais;
São vozes de dois amantes,
Duas líras semelhantes,
Ou dois poemas iguais.

Sympatia — meu anjinho,
E' o canto do passarinho,
E' o doce aroma da flor;
São nuvens dum céu d'agosto
E' o que m'inspira teu rosto...
— Sympatia — é — quasi amor

MEUS OITO
ANOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!
V. Hugo.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
A' sombra dos bananeiros,
Debaixo dos laranjeis!

Como são belos os dias
Da desponsar da existência!
— Respira o ar da inocência
Como o perfume da flor;
O mar — é lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino de amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquela ingênua folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheias,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu da primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risinha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias,
De minha mãe os carícias
E beijos de minha mãe!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da comiza aberto o peito,
— Pés descalços, braços nus —
Correndo pelas campinas
A' roda dos cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naquelles tempos ditos
La colher as pitangas,
Trepara a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Resava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava o cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
A' sombra dos bananeiros,
Debaixo dos laranjeis!

Mas nos amores és má;
— Como tu ficas bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores na samburá!

Eu disse então: — "Meus amores,
Deixa mirar tuas flores,
Deixa perfumes sentir!"
Mas naquele doce enleio
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se finge de madrugada
Ao doce alvar da manhã;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo acendida,
Vermelha como a romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazela não é;
Tu ias de saia curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus amores,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo também;
Que importam rasos do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem?...

Apenas vi-te sereia,
Chamei-te — rosa da aldeia —
Como mais linda não há.
— Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores na samburá.

Recado para o brasileiro Casimiro — Ribeiro Couto (da Academia Brasileira)

O extraordinário serviço que em homem do alto valor filológico e literário de Sousa da Silva prestou às letras brasileiras, com a erudita publicação das "Obras de Casimiro de Abreu" (Companhia Editora Nacional, 1940) só poderá ser talvez devidamente apreciado dentro de alguns anos. A esse tempo, o Casimiro de Abreu das edições populares, dos reativos de moças pálidas, de coqueiros pálidos, terá desaparecido, graças aos textos com tanta argúcia agora moldados por Sousa da Silva. Viremos, em seu lugar, um Casimiro — precursor — da — nacionalidade — presente, um grande poeta da nossa natureza e do nosso povo.

Parecerá difícil falar de um Casimiro — precursor. Entretanto, pergunto: "O filho dos trópicos deve escrever numa linguagem propriamente sua, languida como ele, quente como o sol que o abraça, grande e misteriosa como as suas matas seculares..."

Não parece o Graça Aranha de 1920?

A propósito de Graça Aranha: ainda que ele me haja leu-

rado, naquele ano de 1920, com o epíteto herói-cômico de "Casimiro de Abreu do modernismo", confesso que só agora conheço em toda a sua extensão a obra do nosso grande fluminense e só agora me sinto a seu lado, como ordenança fiel.

Eu daria tudo para ter escrito, como ele, em Lisboa, ainda quase menino:

Eu nasci além dos mares;

Os meus lares,

Meus amores ficaram lá!

Onde conto nos reclusos

Seus suspiros,

Suspiros a sós!

Oh! que céu, que terra aquele,

Rua e bela,

Como o céu de ouro and!?

Que seiva, que luz, que galas,

Não exalas.

Não exalas, meu Brasil!

Oh! que amedidos lumaúas

Das montanhas,

Daquelas campos nulos!

Daquela céu de salta

Que se mira,

Que se mira nos cristais!

Não amo a terra do exílio,

Sou bom filho,

Quero a poltra, o meu país,

Quero a terra das mangueiras,

E as palmeiras,

E as palmeiras tão gentis.

Como a erva das palmeiras

Pelos ares.

Fugado do exílio;

Eu vou longe do mundo,

Seu carinho,

Seu carinho e seu amor!

Debalde eu sigo e procuro...

Tudo escuro

Só vejo em redor de mim!

Falta a luz do lar paterno,

Dize eterno,

Dize e levou para mim.

Distante da sala amada

— Preservado —

A vida não é feliz.

Nessa eterna primavera

Quero me deitar,

Quem me deu o meu país.

O poeirão tinha dezessete

anos. Já escrevia essas coisas.

Já sentia essas coisas, "Sou bom

filho", "o meu país"... Seinho-

res, inclinamos a cabeça diante

da criação maravilhosa.

...

Eu tinha o dobro dos anos de

Casimiro quando fui sentir as

mesmas reações da nostalgia,

um palpitar de ferida secreta

diante de paisagens distantes e

de povos alheios a mim. Não

que tais paisagens e povos me

fizessem completamente infe-

liz: mas saudoso. Me lembrando

da praia do José Menno di-

ante do Vieux Port de Marse-

ilha; e da igreja do Carmo no

cruir os sinos de Notre Dame

de la Garde.

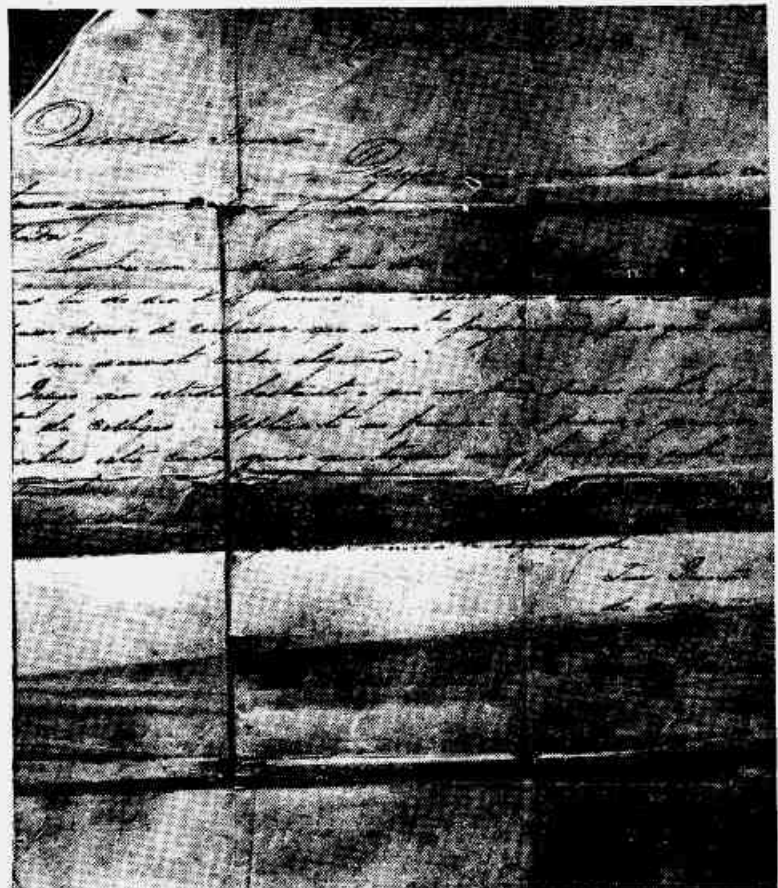
Todos cantam sua terra,

Também vou cantar a minha...

...

Estou escrevendo estas linhas

Casimiro de Abreu, criança, no tempo dos seus oito anos, da sua "infância querida" que não volta mais... A mesma fotografia nos mostra sua irmã Albina, a companheirinha dileta das tracezuras do poeta. Na memória, Albina Marques de Abreu Paes morreu há alguns anos, septuagenária, necessitando para viver, de uma pensão na Academia, como se tem de um documento que em uma de nossas páginas, publicamos.



Correspondência de escritoras

CARTA DE CASIMIRO DE ABREU A SUA IRMÃ ALBINA

RIO, 15 DE JANEIRO DE 1858

Querida irmã

Desejo que estes bastantes e já em breve possas sair pronta do colégio. — Aplica-te ao francês e ao piano e quando receberes esta carta quero que toques uma fantasia sobre a Traviata.

Lembrei-me muito de ti no dia 3 de dezembro, e lembrar-teias tu do dia 4 de janeiro? Acredito que sim, mas não posso deixar de confessar que és muito preguiçosa, pois que ainda não me escreveste carta alguma.

Desejo que estes bastantes e já em breve possas sair pronta do colégio. — Aplica-te ao francês e ao piano e quando receberes esta carta quero que toques uma fantasia sobre a Traviata.

Todos estão bem e mandam-te muitos abraços.

Adem, aceita um beijo meu e nunca te esqueças te teu irmão do coração

Casimiro J. M. Abreu

NOTA — A carta de Casimiro de Abreu à irmã, aqui publicada, foi ofertada por Goulart de Andrade à Academia Brasileira. Havia ele prometido à instituição os originais das "Primaveras". Posteriormente verificou que os originais de que podia dispor não eram do punho de Casimiro — mas sim uma cópia, e ainda assim infiel. Resgatou a dívida, oferecendo, em 10 de janeiro de 1924, a carta autêntica que se acaba de ler.

na véspera de uma nova partida para o estrangeiro. Passa da meia noite. Dentro de algumas horas, um vapor me levará ao porto. Passarei no largo da costa fluminense — da costa de São João da Barra, país casimiro. E desde já estou mandando este recado a Casimiro de Abreu, no céu. No céu "de ele"...

Assim sejamos todos nós, brasileiros de hoje, tão dignos do Brasil como foste tu, poeta das mal entendidas de clare e canseira, indelutavelmente nua como consolo de namoradas tristes.

Forte e ardente poeta do teu povo, poeta do país bruto e tropical, é o que és tu.

Se brasileiro eu nasci, brasileiro hei de morrer.

Já agora, está entendido, Casimiro. Te levo comigo. Para te ler em Brooklyn.

Estudo sobre o poeta das "Primaveras"

(Continuação de página 148) adorado a mãe e a irmã (teve saudades e sofreu).

Como poeta foi Casimiro apreendido em vida, tanto no Brasil como em Portugal, e continuou a sê-lo depois da morte. Succedem-se as suas edições num e noutro país, e duas delas traziam os prefácios laudatórios de Almeida Ortigão e Pinheiro Chagas. Ainda criança (1858) trabalhou em Portugal vários trabalhos seus. Tornou-se no Brasil poeta popular, e nunca o povo o esqueceu. Embora geralmente louvado, recebeu algumas censuras, relativas a fatos da linguagem. Se erro, como creio tê-lo feito nas antologias, serão tais censuras infundadas, ficam repostas no seu lugar, não o poeta, que este nunca esteve realmente deturcado, mas o escritor, que a evidência da crítica e a infidelidade das antologias readem comortadas para que fosse infelizmente quilatado.

Se me comprasse estabelecer uma classificação dos grandes poetas nossos, eu daria o primeiro lugar a Gonçalves Dias, atendendo a excelência da sua inspiração, ao seu conhecimento real da vida, a sua capacidade de expressão poética, a sua riqueza linguística. Na ocasião, porém, de escolher o mercedor ao segundo lugar, me vieram hesitações, mas certamente um dos nomes em que eu pensaria, seria o de Casimiro de Abreu, por causa da sua poesia comunal, da sua interiorizada, mas realista evocação da nossa paisagem da beleza da sua linguagem feita a base da realidade de poesia que preside a a criação dos seus poemas, e da maturidade da sua linguagem.

(1) Talvez tivesse esboçado, mas não o fiz. É verdade, era uma dorça grave, perigosa, mas não, pois lá me estava em momentos de boa saúde.

Mas queria a física com todas as suas peripécias, queria te desenhando brevemente, colando sempre os últimos cantos da vida e depois expirar no meio de pertences do baixo do teu amado da Itália, ou mesmo no meio dessa natureza sublime de vegetação que rodeia o Quilombo (Carta do Rio, 4 de outubro de 1858).

(2) Em carta de 2 de agosto de 1858 escrevia: "E' acusado dizer-te que o excomungado do meu volume ainda não saiu", mas na de 7 de setembro do mesmo ano já diz: "Meu livro de poemas" (IV, a nota final a "XIV Carta").

(3) V. a nota 34 a "XXXVIII, Polvoras no mar".
(4) V. a nota 34 a "XXXVIII, Literatura Brasileira", 1910, pag. 308.

O meigo Casimiro — João Alphonsus

Aquela inconsistência ou melhor aquela inconsideração de adolescência (quando menos intelectual) fez gravar na minha memória, pela própria delicia que o dito me proporcionava, toda a interferência com que Antonio Torres aludia a Casimiro de Abreu: "caixeiro de cretino". Era demais, porém o próprio exagero produzia o riso, o gozo como já então se dizia, sem outras considerações para com a memória do poeta enramilado. Lembra-me dessa expressão do terrível panfleto e parecia-me que teria sido escrita num artigo sobre a, na Corrente, de Olegário Mariano; no entanto, o artigo foi incluido em volume, *Paquinadas Cariocas*, mas lá há apenas isto, pag. 188:

"Chorar por motivos de amor, como o finado Casimiro de Abreu, excede os limites das coisas licitas, principalmente quando o indivíduo já transpôs a casa dos vinte anos". E ainda, noutro assunto, pag. 251: "... cortês, como se dizia no tempo do sempre chorado Casimiro de Abreu". E na página seguinte: "... ver as cortês (o Álvares de Azevedo)..."

As transcrições mostram recatada implicância do jornalista para com os poetas românticos ou certas expressões deles, e talvez mais para com o finado Casimiro, uma certa ironia ao nomeá-lo, mas não a brutalidade daquilo que me ficou na memória: "caixeiro de cretino". Será que Antonio Torres, bondoso no fundo, houvesse suprimido o epíteto, ao incluir o artigo em livro? É uma pergunta que não tenho elementos para responder, desejando, entretanto, a afirmativa.

Se o meigo Casimiro tenha parentes vivos, estomagados com aqueles e outros remos que se publicaram contra o poeta mais popular do Brasil de todos os tempos, tais parentes tiveram uma compensação na carinhosa e valiosa publicação das *Obras de Casimiro de Abreu*, edição comemorativa do centenário do poeta (1939), organização, apuração do texto, escoreço biográfico e notas do professor Souza da Silveira, Companhia Editora Nacional, São Paulo. É compensação a fazer perder de vista tudo que se tenha dito impudicamente em detrimento da obra casimireana.

O que se nota desde logo é que a tarefa não foi entregue ao professor Souza da Silveira dentro das normas comuns das edições e traduções nacionais. Isto é, sem especiais afinidades eletivas: sobressaem os dotes invulgares do organizador, suficientes para o cometimento, desde as suas primeiras palavras, uma comovida e sólida admiração pelo vate de Indaiaçu, a ponto de concluir assim o escoreço biográfico: "Se me cumprisse estabelecer uma classificação das grandes poetas nacionais, eu daria o primeiro lugar a Gonçalves Dias, atendendo à excelência da sua inspiração, ao seu conhecimento real da vida, à sua capacidade de expressão poética; à sua riqueza linguística. Na ocasião, porém, de escolher o merecedor do segundo lugar, me viriam hesitações, mas certamente um dos nomes em que eu pensaria, seria o de Casimiro de Abreu, por causa de sua poesia comunicativa, da sua enternecedora realista evocação da nossa paisagem, da beleza da sua linguagem fácil e concisa, da harmonia de gosto que preside à estrutura dos seus poemas, e da maviosidade da sua versificação".

Pediria permissão para discordar de mestre Souza da Silveira, pois um segundo lugar não me provocaria a lembrança do autor das *Primaveras*, nem mesmo para hesitar. Essa classificação, a que o mestre alude para fixar objetivamente a sua admiração, prescindiria necessariamente do meu parecer. Quero, porém, chegar a um ponto de vista pessoal, dentro de outra hipótese classificativa: se me pedissem adje-

tivos para os nossos maiores poetas românticos, chamaria grandioso a Gonçalves Dias, grandioso a Castro Alves, grandes a Fagundes Varela e Álvares de Azevedo, meigo a Casimiro; o meigo Casimiro. Sua obra não requer uma adjetivação com raiz na sua grandeza, porque esta não existe; o que existe é melguice, qualidade do que é afável, carinhoso, terno, afetoso, doce, suave, cheio de bondade e mansidão. Por isso mesmo, nenhum outro alcançou nem alcançará maior popularidade no nosso Brasil... Igualmente por isso mesmo se nota muita atitude, muita intelectualização reprovável, naqueles que desdenham do nosso poeta do coração.

Ainda agora, graças à excelente memória musical da senhora João Alphonsus que se ouviu cantar na velha cidade mineira de Bonfim, possivelmente das suas poesias cantadas como modinhas e perpetuadas anonimamente, sem valdeades literárias, mas de um modo a fazer inveja a qualquer intelectual desdenhoso. Com as respectivas páginas na edição comemorativa, são *Cancão do Exílio*, pag. 59, *Minha Terra*, pag. 62, *Minha Mãe*, pag. 78, *Violeta*, pag. 188. Assim, pag. 194, e *Uma História*, pag. 284. E poderia lhes dar aqui a música de cada uma, caso este meu artigo comportasse notações musicais.

A popularidade, tem vários aspectos e não é desprestigiando aquele que será popularíssimo. Isto é, popular de tal modo a provocar uma ruína de censura nos que encaram a coisa literária acima do efêmero e do ocasional. Quem é que se lembra de João Bananeira? O criador dos versos em pitoresco dialeto italo-paulistano, de um gosto super-popular tipo chanchada de circo (digo isso com o olho na ruína, dos gran finos), parodiou os *Meus Oito Anos*. E foi um sucesso tremendo. Justamente porque era enorme a popularidade dos *Meus Oito Anos*, tão referidos de malgüices, contrastando na variedade com os aspectos da infância de um moleque italo-paulistano do Braz. E a propósito, até eu mesmo, com o meu péssimo ouvido para guardar música, posso recordar aproximativamente o canto desses *Meus Oito Anos*, que lá ouvi quando menino — mas uma a acrescentar às poesias musicadas acima aludidas.

Porém há algo muito mais importante do que tudo isso: o trabalho do professor Souza da Silveira. Creio que em face da atitude dos intelectuais, pode-se dizer em resumo: a obra de Casimiro de Abreu, feita de um modo definitivo. Percorrer sua obra, quando pela segurança de gosto e de saber do mestre, e convencer-se dessa reabilitação. Não que Souza da Silveira se dispusesse a chamar a atenção do leitor para a excelência da inspiração ou a beleza das imagens, com muitos pontos de aproximação, em cada poesia — tipicamente simplesmente incluída à sua compreensão literária e à altura da sua inteligência. O problema de Casimiro era rigorosamente técnico e lato crítico, na levandade e superficialidade com que transformamos juízos preconcebidos em julgamentos inapeláveis, deve ter concorrido fortemente a lenda do caixeiro a verselar as escondidas em papel de embrulho, em cima de um baleão. Ali, sem a autoridade de Souza da Silveira, que viesse falar em "primores estilísticos" de Casimiro de Abreu, "principalmente há tempos atrás recolhidos chufas. Porém o mestre fala e prova:

"J. Norberto apreciava a Calâmio; mas haveria de apertá-lo ainda muito mais, se soubesse que a quase totalidade do que lhe notou como defeitos e erros, era, pelo contrário, primores estilísticos e correção de linguagem! Vejamos em outros autores a construção de Casimiro". A respeito de determinada construção que Norberto acolmaria de "vícios

redundância". Souza cita então Camões, Vieira, Garrett, Machado de Assis... Essas anotações se repetem innumavelmente e mostram como não só J. Norberto, este sem intenção, mas também muitos outros, merecem de sensível preconceito, ao enxergavam erros na obra do caixeiro, mesmo quando apoiado na melhor jurisprudência da linguagem!

As vezes, o anotador adquire um tom verdadeiramente amargo, como a respeito de surgir um choppo na poesia *Sonhada*, pag. 245 e 247: "Reprova-se a Casimiro sendo brasileiro, falar em choppo. O rapaz achava-se em Portugal (1856), estava-se recordando de uma cena certamente passada em Portugal (para onde tinha ido em novembro de 1853) e não queriam que ele fosse verdadeiro nas referências à paisagem circunstante! Pobre moço! Aprezado, nos seus pendores literários, pela vida comercial, e nas suas produções poéticas, pelas mesquinhas de certas críticas! E provavelmente foi destas censuras imerecidas que lhe veio o hábito de escritor "não correto", que, infelizmente, ainda perdura".

E ainda o censuravam de talar em carvalho, em calhandra...

A situação do poeta levianamente mal apreciado conduziu o professor Souza da Silveira a demorar-se em interpretações e explicações dos textos às quais, em certos casos, seriam desnecessárias (ao menos para mim). Mas trata-se de combater uma incompreensão arraigada, e ele o faz sempre com regular copia de exemplos dos maiores do idioma, não podendo, aliás, ajuizar do maior ou menor alcance do possível leitor casimireano... Da mesma forma esclarecem as notas às citações, nos versos do Petrarca *Arreioiro* (Gonzaga), *Das e Magalhães*, Gilbert e Dante e outros. Sobre Gilbert, assim anteposto a Dante (mas não necessidade de rima), a nota de pag. 203 é preciosa e me aconselha:

"Milha fronte, que ponde amadora, Acharia, meu Deus, inspirações. E o fogo que queimou Gilbert e Dante Correria mais puro e mais constante. Não fono das canções!"

Embora colocado ao lado de Dante, eu ignorava (e como eu possivelmente muitos outros), esse "Nicolas-Joseph-Laurent Gilbert, poeta francês, que viveu de 1751-1780, autor de sátiras mas que e conhecido, sobretudo, pela sua poesia intitulada *Adieu à la vie*".

Com as observações sobre a linguagem do Poeta, surgem referências, incidentes à importância poética, à força expressiva, ao valor musical de alguns versos ou mesmo de poemas. Incidentemente: não como guia intencional do gosto do leitor. Notadamente quanto à musicalidade, são preciosas as notações da métrica, igualmente mal compreendida; a começar pela pag. 84: "Vem de longe o partirem-se palavras no final dos versos e com o excedente preencher-se o imediato. Assim fizeram os gregos, assim fizeram os romanos, por exemplo Horácio, de que aponto... (Seguem três exemplos): "Também os trovadores medievais..." (Novos exemplos). "Casimiro viveu apenas pouco mais de vinte e um anos; além disso, teve o seu gosto dos estudos contrariado. É possível, pois, que ele não soubesse dessa partição de palavras do 3º para o 4º verso da estrofe sáfica tanto entre os gregos como entre os romanos, nem conhecesse as composições dos nossos trovadores medievais. Mas era verdadeiro poeta e tinha, para o verso, aquela excelente organização musical que Deus lhe deu. Isso lhe bastava para que, elevando-se acima das regras convencionais dos compêndios, prati-

casse em métrica certos alex, que, mas, o passado justifica, outros, o futuro vira a compreender melhor... Entretanto, um grande autor nosso, Gonçalves Dias, não e admirável por Casimiro... oferecia-lhe modelo de essa transposição de sílabas de um verso para o imediato".

As injustiças se acumulam e aquilo que não era censurado em Gonçalves Dias, e apontado como reatadamente da métrica do poeta menor... E acumulam-se as notas, não somente apontadas no autor do *Juca-Firama*, chegando, quanto as sílabas, a conclusões que podem ser assim resumidas: ou a última sílaba do verso anterior desce para o verso seguinte (com menos uma sílaba), ou a primeira sílaba do verso excessivo (com mais uma sílaba) deve ser lida como pertencendo ao verso anterior. Essa regra é convocada no mais das vezes para justificar o encontro de endecasílabos, com acento na 5ª e na 11ª entre decassílabos regulares. Por mim, desclassificaria a regra: lidos em voz alta, tais onzessílabos não prejudicam o embalo geral da estrofe; a musicalidade do poeta destinada ao mais a ser cantado. Deixar far...

Vivendo tão pouco, e vivendo poesia, Casimiro o fez quase três anos em Portugal, para produzir não uma, só *Cancão do Exílio*, como *Dias*, mas diversas, enfileadas na primeira parte das *Primaveras* com o título geral de *Cancões do Exílio*, o que mostra como não escondia a sua admiração por aquele e lhe tomava o nome do poema.

"Jesús! Como eras bonita, Co'as tranças presa na fita, Co'as flores no samburá!" (*Moreninha*), pag. 124)

Parece-me bem português isso de misturar a tais ternuras o nome de Jesus. Mas fora desse verso, do carvalho, da calhandra, tudo o mais é bem brasileiro, arvôres, flores, passaros, mulheres. A prática inumerável das elições, sobretudo de pronomes, marcadas, podia ser apontada como coisa do filho de português que vivera em Portugal, se não fora geral nos românticos nacionais, como as sínopes de esperança, c'ra, formas "que não devem ser tomadas como licenças poéticas e sim como hábitos prosódicos" (Manuel Bandeira, *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica*, pag. 239, onde se nota que Casimiro chega a escrever s'reia na poesia *Minha alma é triste*).

Contrariamente às elições obrigatórias, os h'atos são comuns na versificação casimireana. A evolução da métrica, mesmo encançada superficialmente, revela-nos uma série de preconceitos. Os verificadores parnasianos vieram a impor, compulsoriamente, a contagem de uma sílaba em com seguimento do artigo, não exigindo indicação gráfica, no verbo é seguido do artigo. Exagerou-se e num poeta fora das escolas. Augusto dos Anjos, existe o decassílabo mais cheio da língua portuguesa:

"Sóbe-me à boca uma ansia lanáloga à ansia..."

Hiatos e outros defeitos comuns nos românticos (v. na pag. e obra citadas a nota de Manuel Bandeira sobre Gonçalves Dias), a honestidade literária do professor Souza da Silveira, entregue a apurar os textos, a corrigir as edições mal cuidadas de Casimiro de Abreu, para a pag. 119 nos versos No lar: "Estou em presença de versos dos mais belos e de uma poesia de mais poesia que conheço. — Por isso não quero perder a ocasião de levantar um brado de aviso aos que me leem... E revela um caso para reunir-se ao anedotário par-

nasião: "Digo isto pensando em muitas coisas, mas sobretudo no que não se juntou a fazer a estes versos de Casimiro um alto espírito nosso, Goulart de Andrade, ocupante, que foi, na Academia Brasileira, da cadeira nº 6, posta sob o patrocínio espiritual de Casimiro de Abreu. Imbuído dos preciosos tecidos do parnasianismo, não admitia o hiato, ou pe o menos certos hiatos, nem tolerava as mudanças de medida dos versos quando esporádicas, isto é, quando não ocorressem regularmente em cada estrofe. Que se conformasse a tal diretriz, bem estava: podia uma ou outra vez prejudicar-se como poeta, mas tinha o direito de assim proceder, e a ninguém parecia o de o censurar por isso. Mas, para pôr de acordo com as normas que seguia, alterou o que outram escrevera, e escreveu chamando-se Casimiro de Abreu o antes de ter chegado o tempo em que se tendia a reduzir a "formas a forma", mas pe o contrário, se concebia esta como a ruína, — embora lustrada — elástica e transparente, do pensamento. Isso não pode admitir-se, mormente havendo sido perpetradas as alterações como o foram, nem sequer ligeira advertência ao leitor. No seu livro *Cadeira nº 6 da Academia Brasileira*, Rio, 1931, Goulart de Andrade cita assim os versos de Casimiro:

"Oh! Meidade, bem te alinto a veloz De amor e vida me transbordou o peito. Basta-me um ano só... depois... na lembrança. Quero onde tive o berço, ter meu filho..."

"Para afastar o hiato substituiu e por se, embora modificando o ritmo do verso, isto é, uma das suas características musicais; e, no verso imediato, separou quero de ter com a intercalação de onde tive o berço, do que resultou, juntamente com a mudança da cédula, um verso prosaico, trió, sem alma... — Como o senso natural dos verdadeiros poetas vale mais do que todas as regras, sejam da Versificação, sejam da Gramática!"

"Vejam como primo Em comer os hiatos..."

... diz o sapo parnasiano da saída de Manuel Bandeira, de onde o anotador tirou aquela forma a forma (*Poesias Escolhidas*, 1937, pag. 34).

Os versos verdadeiros de Casimiro são estes:

"— Basta-me um ano... e depois... (na lembrança. Onde tive o berço quero ter meu filho..."

Quem é que não dará razão ao emérito anotador? Música sobretudo!

Ainda sobre um verso igual a este último:

"A dor imensa da perda do futuro..."

Souza da Silveira diz à pag. 203: "desconhecendo este processo de metificação" (o artigo a se integra no verso anterior) — "alguns editores de Casimiro, com a costumada emulação, alteraram o verso para

"A imensa dor da perda do futuro..."

Mais ou menos semelhante, na intenção, é o que nota Manuel Bandeira, na *Antologia*, já citada, acerca dos versos de Maciel Monteiro: (pag. 295):

"Formosa, qual se a natureza e a arte. Dando as moças em seus dons, em seus flávios. Jamais soube imitar no todo em parte..."

"Houve quem, achando defeituosa a sintaxe desse terceto, o corrigisse para:

"Formosa, qual se a natureza e a arte..." etc.

"E' como se lê no discurso de recepção do general Dantas Barreto na Academia Brasileira de Letras "Revista da Academia Brasileira de Letras, nº 15".

A solidéz do trabalho do professor Souza da Silveira me

Ditoso, escrevi afinal, pelo
celo de o ver, numa existência
mal dilatada, emudecido e m
quislhou eu, o que a prece deca
e aviltada, a vida de nos, a
última estância da vida?

Assim, quando me ajoelhei di
to do humilde jazzo do can
das "Primaveras", não percebi
que eu balbuciar as orações co
lis aprendidas na puerícia; i
repeti, instintivamente, como p
ce, aquele alto desejo seu, c
presto realizado. E só então co
preendi o motivo pelo qual me
dam se letam poetas no lugar m
mo das suas creações, afim de
se sinta o íntimo laço que une

(Continua na página 187)

Continua na página 157)

PÁGINAS DOS AUTORES MORTOS

1 - A casa da rua Cosme Velho

(Discurso de Olavo Bilac, na inauguração da placa comemorativa a Machado de Assis)

Poucas palavras, poucas e carinhosas, devem ser ditas aqui, para que em tudo a comemoração seja digna do comemorado. Seria uma ofensa a memória do mestre qualquer manifestação que destoasse da sobriedade encantadora e do recato severo que governaram a sua vida artística e a sua vida íntima, a sua teoria literária e o seu estilo. O culto deve ser sempre adequado ao nome: bulhento e borbulhante, para os que tiveram ou têm amor da adoração, pomposo — e simples e pensado, e mais tecido de ternura e de respeito do que entusiasmos para aqueles cuja sublimidade reside mais na solidão do que no brilho, mais na verdade do que na aparência, mais na harmonia temperada e justa do que no exaltamento nem sempre fecundo. Quando se dirige a certos homens, ainda a mais ardente admiração há de ser calma e raciocinada, se quiser honrar a seu objeto. Machado de Assis temia acima de tudo o barulho e a cintilação das palavras vazias, que tanto agradam aos espíritos fúteis. A sua face triste e suave, o seu modo natural, a brandura da sua palavra e do seu gesto, a modestia dos seus gostos, a moderação dos seus juízos, a sua filosofia que condenava como os crimes, as cegueiras da paixão, e o seu estilo que repudiava como vícios ou exageros retóricos, — tudo nele aconselhava e pedia, não o aplauso frenético, mas a satisfação sincera e a consideração inteligente; tudo nele parecia dizer: não me admireis; amai-me, e compreendi-me.

Amararam-no com extrema ternura os seus íntimos; compreenderam-no e compreenderam os seus companheiros e discípulos, os seus irmãos em arte, aqueles que, pelo hábito de pensar e de escrever, podem sentir e entender o inigualável tesouro de ideias e de expressões que se encerra nos seus livros. Monumento perene votado a glória da língua vernacular. Não o compreendeu ainda todo o seu país, porque ele foi de algum modo um homem superior à sua época e ao seu meio; mas essa compreensão unânime há de vir com o tempo, com o aperfeiçoamento progressivo e fatal dos homens, com a fixação definitiva de uma cultura geral que já começa a afirmar-se.

Então o mestre será admirado, com admiração consciente e precisa que a sua obra requer; e a história da nossa civilização há de guardar, com orgulho, esse formoso legado, esses livros em que o ceticismo vive de par com a dedicação, em que a misericórdia pela miséria humana tempera o amargor da ironia, em que a descrença e a adoção pela bondade, e em que as ideias, meigas ou duras, de tolerância ou de revolta, sempre se vestem de uma forma pura e nobre, simples e majestosa, alando a força a graça, a energia ao bom gosto.

A cerimônia de hoje é íntima. É a romaria dos primelros fiéis. É a primeira peregrinação dos que sentiam assoberbado culto. É a homenagem da família ao chefe que perdeu.

Um dia, descrevendo a austera figura de Spinoza, em um soneto de rara beleza, Machado de Assis mostrou-se o filósofo, grave e solitário, no seu retiro de lida e pensamento, apartado das vãs ambições, das nobres grosseiras, cativo apenas do mundo interior de suas ideias:

"Soem ca tora agitações e lutas,
Sibilo o bafo asperíssimo do inverno,
Tu trabalhavas tu pensas e executas,
Sobrio e tranquilo, devotado e terno,
A lei comum e morres, e transmutas
O suado labor no prêmio eterno..."

Inspirou e ditou estes versos uma afinidade real entre dois espíritos de eleição. Sem o temperamento, nosso grande escritor teve a mesma dignidade de vida, a mesma abnegação modesta, a mesma escarificação, o domínio exclusivo das ideias — e o mesmo gosto da solidão, que, em certos homens, não é timidez, nem orgulho, mas somente a tristeza de quem se reconhece diverso do comum dos gentes, e fadado a viver, sem ser ignorado, ao menos mal entendido dos seus contemporâneos.

Como não recordar esses versos, na visita que hoje fazemos à casa do escritor, filósofo, um ano depois da extinção da sua vida?

Aqui viveu Machado de Assis vinte e quatro anos de trabalho sem tregua e de pensamento incessante. Neste quieto recanto da cidade, longe de "agitações e lutas", fugindo a curiosidade pública, ao lóvur da multidão, a popularidade fácil, e à sedução brilhante, mas esteril da política, dividiu ele o melhor da sua existência, vício e quatro anos da sua maturidade fecunda, entre o goso recatado da sua felicidade doméstica e o goso igualmente discreto da sua arte.

Aqui sonhou, aqui penou, aqui edificou a sua glória. Noite alta, entre estas folhagens amígas, que resguardavam zelosamente o ninho do seu afeto e a oficina do seu pensamento, brilhava, o clarão da lâmpada que alumia a sua operosa vigília. Conheciam-no bem estas árvores, estas flores, e as aves que o saudavam ao romper da manhã; todas as coisas inanimadas e todos os seres inocentes deste pântano retiro conheciam e amavam aquele austero e aquele meigo beneditino, voluntariamente clausurado na tarefa pacífica e no sonho criador.

Aqui experimentou ele, com a satisfação de ser amado e com as agruras dos padecimentos físicos, o prazer de tratar o idioma que prezava tanto, as torturas da análise interior, os sobressaltos e angústias da criação literária, a febre de um tempo delicioso e cruel da composição, e a ansia dos que correm atrás da perfeição esquiva... Daqui saíram muitos dos seus melhores livros: vasta cadeia de primores, coroada por essa flor de sandá e amargura, por esse amável "Memorial de Ayres" onde, sob o véu de uma ficção romanesca, alma viva e ferida do escritor celebre na virtude e na ventura de um lar modelo, a antiga ventura e a antiga virtude do seu próprio lar enlutado. Aqui, por vinte e quatro anos, ele trabalhou, pensou, executou a lei comum, morreu e transmutou.

"O suado labor do prêmio eterno..."
E aqui vem hoje a Academia Brasileira trazer-lhe a expressão comovida do seu respeito e da sua saudade. Perdendo o mestre, não perdemos o exemplo constante, a viva lição, o modelo nobre que ele sempre nos foi. Há de acompanhá-lo na morte o mesmo afeto que lhe dedicamos em vida. Aqui vivos e viremos; e aqui virão, quando tivermos desaparecido, aqueles que nos sucederem.

Já, três de nós, depois de Machado de Assis, no escasso prazo de um ano, desertaram também, levados pela morte, do seio da

companhia. Mas toda a nossa força reside na continuidade moral da nossa missão. Não nos sucedemos apenas, também nos cultuamos; mudam-se os nomes, mas fica o ideal que os encadeia; há de perdurar, na Academia, exemplar e consoladora, a memória do Mestre. E há de o tempo morder e devorar esta placa de bronze; mas de as suas hebras e as chuvas arruinar e aluir esta casa; — mas se um horroroso cataclismo social não dispersar esta nossa raça e não aniquilar a língua que falamos, a nossa romaria de hoje terá sido o início de uma glória perpétua.

Rio — 29-9-1909.

2 - A CARTA

(DA NOIVA MORTA)

Que lindas são neste papel longotas
As suas letras finas e elegantes!
Quãoinda estão de lágrimas banhadas,
Aljofradas de lágrimas brilhantes.

Quais não o odor de suas mãos nevadas
Tem nas frentes hastes cintilantes...
Caria, cubro-te as páginas amadas
De um dilúvio de beijos abençoados.

Ela pousou seus dedos em de rosa
Sobre estas linhas, sinto-lhe o perfume...
A pena aqui voa-lhe nervosa.

Aqui — Saudade — vejo escrito, vejo
O sinal de uma lágrima, e o que me
Há no papel e a mão ca de um beijo.

ALBERTO DE OLIVEIRA

(Cidade do Rio — 23-10-88) — 1880

3 - Espigas históricas - Raimundo Correia

Era um dia um genio horrendo,
do genio do Barbarismo, que
do seu trevoso abismo formosa
princesa tendo, tão encantado
jeira por tal beleza esplendente,
que o fero monstro insolente
conquistou-a então jurado.

Era a princesa famosa, que
joviana servia sua, filha do mar e
da lua, nascida em noite formosa.

Embalada pela vaga, no bérço
leito de espuma, como a
brinda e leve pluma que o vento
de playground em playground,
vai levando, assim, ela pelas
águas, fugindo das terríveis má-
guas, ia aligeira boiando.

Era seu corpo formado de
uma pérola intente; seu olhar
era fulgente, por luz, mirra
abundante. Afirmava que por en-
canto, se por acaso cantava,
os tormentos serviam com seu
delicioso canto.

Que dardos ardentes e loucos
não tinha por ela o vento, que
ao passar, como um leuoteo, se-
gredava-lhe em voz rouca uma
fossa apressada. — Os seus tris-
tas endechas das suas eternas
queixas, que ouvia ruborizada.

E a princesa, sem clarear
por tanto amor, lá seguia, can-
tando a eterna alegria da sua
eterna inocência.

Como disse, o genio horrendo,
o genio do Barbarismo, que
a tira um dia do abismo, ju-
ra-lhe amor; mas vendo que ela
a tudo resistia, que dele se ha-
rressara, desta forma se angus-
ta, sequestrando-a à luz do dia.

Nunca excedia medonha, em
dura rocha casaria, ele quando
enclausurado a princesa que em
vão sonha com um príncipe lar-
moso que apoteia, porventura,
e daquela sepultura a tire, e apos-
amoroso, na paixão a mais ex-
tranhia, só lhe deca em recom-
pensa que ao seu coração ber-
lencia por tão heróica lanchar!

Mas embalde assim sonhava a
princesa na ensovia... Vinha a
noite, e vinha o dia... e o príncipe
não chegava!

Todas as tardes a horrendo e

mão genio vinha vê-la e punha-
se a convencê-la de que ao seu
amar cedendo, teriam ambos, na
vida, por leito as verdes alfom-
bras, por doces as negras son-
bras... e ventura incluída!

Porém ela, sempre espavora,
ao fero monstro dizia que jamais
a venderia, quando mesmo as-
sumo cativa ele a tivesse, porquen-
to, em tão triste isolamento, em
vez de contentamento, ele só
causava espanto!

E o genio mau, atrevido, o
monstro feroz, horrendo, cons-
tância tal não vacando, lá sóla
envatecido, pra vir de nozo,
amoroso, áquela negra exorta,
na torrida do outro dia, e sair
mais furioso!

Assim veio a princesa, sem
dado todo capendo, sem ver a
luz daquele infundo cárcere...

Mas, surpresa, um dia pra-
cia olhando, em de uma fre-
sta, escutando, um rano de sol que
a tinha, na sua carreira, lásta,
ouvido daquela fresta, e que
consolava-a tinha.

O rano entrou curioso, e foi,
tando brilhando, da princesa os
pés beijando todo em ansias,
amoroso...

Depois foi indo, e foi indo...
E a princesa em tais carícias,
sentia as doces delícias de um
prazer ideal, mudo...

E o rano foi das arrelhas, nas
ascensões as mais ternas, subin-
do, beijando as pernas, e daí
foi aos peitos... e cada vez
mais fortemente, ele foi indo, e foi
indo, e foi subindo, e subindo,
até à fronte esplendente!

E a princesa entrecida por
ventura tão estranha, sentia
sensação luminosa, que com en-
languescia.

Deste consorcio ditoso, napre-
le languede desmaiou, nasceu logo
etéreo rano, tão ridente e tão
formoso, que tinha a luz que
pompou no assestado das ra-
sas, e as canções lantiosas ao
vaga que beija a areia!

Fugindo ao outro mesquinho,
esse rano fulgurante andou pelo

espaço errante, até que encon-
trando um ninho no cérebro de
uma poeta, p'ra dar luz e encon-
tamento aos sonhos do pensa-
mento, nessa fronte se abateu.

Desde então nos alegrias a
testes das cantares, ecoaram
pelas ares as mímicas Sinterias
que a poeta mística nas rimas
ouvia fazer, quando inspirado
lançava o alundo sonoro.

Eis porque não há sereno que
tanto, tanto seduza, como essa
encantada Musa dele — Lin-
mando Correia.

D. FUNCA

(Novidades de 1-6-887).

4 Lembranças de Petrópolis

Raimundo Correia

E' a cidade amena e silenciosa
E' a verde Petrópolis em flor.
E' Petrópolis, sim, onde, su-
ladora,

Cada palmeira uma lembrança
tema
De Teresa e do velho Impera-
dor;

E' Petrópolis, dela, que assim
lha a
Num claro dia da estação cai-
lmo-a,

Pela boca do amargo trovador:

— "Vem nos ares salubres da
Montanha
Lavar-te, ó musa cortada, to-
lva!"

Como o lírio, que o seu aqui
descerra
A fresquidão ambiente, a alma
se banha

No higiénico flutuo matinal...
Vem! Gaia de Petrópolis a
lavora,

E dos teus horzequins, no Pia-
banha,
Sacode o nó da infecta capital!

"Bem que prefiras carimónias
lreidas
Ao gesto simples da serrana
lavora,

Despe o teu corpo de pedradas
lavora,
E vestida de pétalas, a gosto,
Vem meu hábito puro resarar;

Vem percorrer-me as lavas
lalamoas
De magnólias, sentindo com a
lo rosta

Golfadas de bom ar...

"Aqui verás, em breve, como
lodeas
A capital, com asco e in-
lodeado.

Ela é um monstro hedonista em
lodeas veias
— Canos de esgoto — em vez de
lodeas veias

A vasa e a corrupção!
Em mil bebezadas de imundicia
lodeas

Todas as fezes, que o Euronou
lodeas
Lá, em monturos, fermentando
lodeas!

"Teu ódio, contra os próprios
lodeas
Da estrumeira dos povos bra-
lodeas

Políticos sorvados pela óima
lodeas
Amotas, barões, comandadores
lodeas
Que, fugindo o perdo e aos seus
lodeas

O que ganham por lá dar a
lodeas
Durante a noite vêm gastar por
lodeas

"Musa, enxota-os de mim, rai-
lodeas
Que os não veja eu, de novo, em
lodeas

Deixa-as ferver na rã Gamor-
lodeas
Que das outras nações a turba
lodeas

Ferve, como em caldeira m-
lodeas
A febre do ouro, ou antes a
lodeas

Em que arde a capital, que-
lodeas
E não pensemos em tal coisa
lodeas

Da correspondência de Casimiro de Abreu

Corta a seu amigo Francisco do Couto Souza Junior, residente em Porto das Caixas

Rio 27 de outubro de 1858.

Querido amigo,

Li a tua carta e a merecida acusação do meu silêncio.

Que queres? Eu sou dumapreguiça e dum desleixo incorrigíveis, mas sabes perfeitamente que isto nada influi nos meus sentimentos. Sinto muito dizer-te que não fiz, nem faço a tal coisa que me pediste e espero que não te has de zangar comigo por tão pouca coisa.

Não me fales mais em Primavera, maldita a hora em que eu comecei a fazer versos! Parece que por uma fatalidade

todos os que teem essa mania não de sofrer constantemente! Bem sabes o desgosto que me acompanha e que me tem mudado o gênio para uma tristeza que nada consola; bem sabes a luta constante em que tenho vivido, porque inteiramente não tenho um Pai, como os outros que auxiliam e protegem a vocação de seus filhos. Tenho sido sempre contrariado em tudo. Hoje tenho o meu futuro perdido e a minha mocidade gasta moralmente. Amarraram-me numa escravidão, quero que eu siga a força uma carreira para a qual não posso ter inclinação, e quero que eu viva satisfeito!

Há pouco tive uma decepção que tirou as minhas últimas esperanças e fez-me quase descer de tudo e de todos. Digo-

te confidencialmente como de amigo a amigo e espero que não digas a ninguém.

Faz hoje exatamente um mês que escrevi a meu Pai pedindo licença para a publicação do meu volume, e também dinheiro para isso — (que é o principal e único motivo porque ainda não tem saído). Ainda não recebi resposta e creio mesmo que não me ha de responder. Outro dia fiquei tão zangado que mandei uma poesia levada dos 600 diabos para o "Mercantil" mas o Otaviano não a quis publicar.

Tudo isto me entristeceu e me desgostou ainda mais, e depois eu tenho feito tanta asneira e gasto tanto dinheiro a toa que tenho medo de ir em dezembro a fazer uma ajustas contas com o meu velho. Parece-me que se as

coisas não mudarem eu matarei ou fujo e vou ser marinheiro... Tu não podes fazer uma ideia da dor que sinto por ter perdido a minha carreira e da vida triste que eu levo, com desgostos de família, com aporriações de todos os lados e sem alegria ou distração alguma.

Também dizes que estás triste e eu vou logo perguntar ao Tomaz qual a razão. Faço ideia que há de ser volta de namoro. Ao menos és feliz porque tens namorada e tens a certeza que ela te ama. Eu não isso! Vivo como um monje e com o meu gênio esquisito não acho pequena que goste de mim (talvez porque não procure).

Gostam dos meus versos mas da pessoa nada sabem, e eu cáto aborrecido que nem me importo com elas. Quando quero

... vou às mulheres de Mar-more, gasto os meus 5\$000 e não tenho jeito para paixões românticas. Qualquer dia vou fazer um anúncio dizendo eu o meu coração está devoluto e quem quiser que tome conta dele.

Feliz quem ama e é amado! Não se pode ser moço sem amar, e é por isso que eu sou moço em anos e velho caduco na alma.

— Agora vou perguntar ao Tomaz qual o profundo desgosto que te faz andar triste. Se não somos irmãos pelo sangue sejamos ao menos pelas dores como sempre temos sido pela amizade.

Teu do coração
Casimiro.

A vida e a obra de Fagundes Varela (da Academia Fluminense de Letras)

Paulino Neto

VII

A OBRA DE VARELA

E, no entanto, não é monogênea, uma, apresentando em todas as suas partes o mesmo quilate, mantendo em todos os poemas que a compõem a mesma e alta qualidade dos seus notáveis entre eles. Comparando-a, por exemplo, com a de um grande poeta contemporâneo, com a obra de Bilac, esta, por certo, é muito mais igual, mais homogênea na sua perfeição. Bilac é sempre Bilac, tem sempre o cunho próprio e único que, em qualquer de seus versos, marca e assinala a sua personalidade, o seu modo especial. E, no dizer dos críticos mais autorizados, "um dos sinais pelos quais é possível reconhecer os homens de primeira plana, parece que é um certo timbre de uniformidade de que todas as suas obras se apresentam marcadas". Ora, Varela produziu muito, produziu sem método, trabalhou sem ritmo; muitas vezes, até, composto, mesmo, sob a acção mais ou menos forte e perturbadora do álcool. E por isso, embora notável em seu conjunto, a sua obra não deixa de ser, entretanto, desigual, incerta e vária. Algumas monofonias, alguns versos

frouxos, outros duros, muitos em que o poeta ficou estranhamente no trabalho do versificador. Mas nos seus poemas, por assim dizer, padrões, naqueles, e são inúmeros, em que ele empregou o melhor de seu espírito e de sua forma, em que deu a medida justa de seu estilo. Varela também e sempre Varela, inconfundível e único, na música no estilo da frase, na cor das imagens, na técnica do verso.

Um dos grandes defeitos de alguns de seus poemas é que "Franklin Tavora" aponta, é o abuso dos adjetivos, a adjetivação imprópria, excessiva, de tal modo que quase não se consegue encontrar um substantivo sem o acompanhamento de um atributo qualificativo qualquer. Dir-se-ia que aí o adjetivo entra, não para completar a ideia, para colorir o conceito, para exprimir uma qualidade integrante do pensamento do artista, mas exclusivamente para completar o metro, para acabar o verso ou fazer a rima. É verdade que "Musset", já em 1836, na "Revue des deux Mondes", apontava a adjetivação como um dos vícios dos românticos de segunda plana. Mas, mesmo os grandes românticos, não escaparam da pecha por vezes, e entre eles o nosso Varela. E o defeito, então, se avoluma quando o poeta força o verso em gênero estranho ao pendor natural de sua inspiração. Lede, por exemplo todas as poesias do "Pêndulo amarelado" e verás que não é exagero; a adjetivação é mais ou menos canhestra, em todos esses poemas, na maioria inspirados pela chama da "questão Christie" e, muito embora o livro tenha lhe dado uma imensa popularidade no meio da opinião pública, exacerbada pela brutalidade desastrosa do ministro inglês, Al. Várzea fica muito abaixo de seu próprio estalão. E que lhe não pulsava alma a veia patriótica; tanto assim que como observa um de seus críticos, a guerra do Paraguai transcorreu de princípio a fim, com lances não raro emocionantes, sem arrancar, ao que se sabia, uma estrofe sequer no vate fluminense, que, na época era, no entanto, o grande poeta do sul.

Ao contrário, o gênero épico, condoreiro, patriótico, nos poemas do norte, já havia atingido um diapasão altíssimo nas estrofes de fogo de "Castro Alves", de "Tobias Barreto", de "Vitoriano Palhares". Mas, em compensação, quanto beleza de sentimentos de outra ordem cingida, através de requintes de forma e de metro, nos versos de Varela. Quanta singeleza, quanta naturalidade na evocação, mormente quando, poetando em sonho, caminhando talvez por aquelas longas estradas, que tanto amava, ele se evadía para o tempo feliz de sua infância. Escutal-o falar em "Juvenília":

"Saudades! Tenho saudades
Daquelas serenas noites,
Que a tarde e o sol mudavam
De louros toques de luz!
Tenho saudades dos prados,
Das coqueiras debulhadas
A margem do ribeirão,
E o doze da Ave-Maria
Que o sino da frequência
Largava pela amplitude!
Oh! minha infância querida!
Que é dor quando a vida
Como grande depressão!
Se tinha de abandonar-me,
Por que, falsaria, enganar-me
Com tanta meiga promessa?
Ingrata, por que te foste?
Por que te foste, infeliz!
E a face de eternas ditas
As flúres tão bonitas
Cobriste de lama e fei?"

Ou, então, quando da humildade de sua pobreza, da modestia a que o reduziu o velho complexo de inferioridade, o poeta modulou um cântico de amor tão triste, tão de vós conhecido e que ele por certo recitava como quem ressusce:

"Não te esqueças de mim, quando eras
Perder-te a tua no séculos manto;
Quando a brisa estalava no teu
Não te esqueças de mim, que te amo
tanto."

Não te esqueças de mim, quando es-
cinturas
Gema a rola na floresta escura,
E a sandávia viola do tropeiro
Desfaz-se em gemido de tristura.

Quando a flor do sertão, aberta a
luz,
Pejar os ornatos de suave encanto
Lembra-te os dias que nasceste,
Não te esqueças de mim, que te amo
tanto."

Não te esqueças de mim, quando a
luz,
Se sobriente de névoa as serranias,
E na torre alvejante o sacro bronze
Bocemente soar nas frequências!

Quando de noite, nos serenos de in-
verno,
Ao ver solitárias modulando um canto,
Lembra-te os versos que inspiraste
nas bardas.

Não te esqueças de mim, que te amo
tanto."

Quando os anos de dor passado bou-
verem,
E a fria tumba consumir-te o pranto,
Guarda ainda uma ideia a teu poeta,
Não te esqueças de mim, que te amo
tanto."

Onde Varela, entretanto, atinge, a meu ver, culminâncias nunca mais igualadas na sua arte, é no manejo magistral do verso branco. Já deste verso disse o velho "Castilho" que só era possível nas "línguas de si formosas". Nele a ausência de rima exige além da melodia natural da língua, uma intuição aguda do ritmo no poeta e principalmente um conteúdo ideológico de grande poder emotivo. Ninguém excedeu Varela neste particular; ele continua sendo incontestavelmente o mestre inextinguível do verso solto, sem nada perder de suas qualidades eminentemente românticas. O verso sem rima exige realmente uma língua especialmente melódica, sem o que não chega a ser um meio de expressão poética. E, no entanto, entre os franceses — que, segundo o mesmo Castilho, "por mais esforços que fizessem, não se libertaram, nem se há de libertar nunca, da rima" — esta foi o elemento preponderante do

verso romântico, segundo a observação de "Lanson". Entre nós é o contrário que se verifica — porque o modo de falar é suave, porque a língua é bela e já de si, sonora; foram os nossos românticos, desde "Gonçalves de Magalhães" e "Araruio Porto Alegre", que vulgarizaram e, muitas vezes, nas suas produções de maior emoção, como Varela, preferiram, mesmo, a harmonia mais sutil, mais requintada do verso branco ao posto da rima, elemento puramente melódico da composição.

No "Proscrito", no "Cântico do Calvário", no "Evangelho das Selvas", no "Diário de Lázaro", os versos brancos atingem em Varela modulações tão altas e tão perfeitas, que ao escutá-los, — não cantantes e harmônicos são, — não chega o ouvido a perceber a ausência absoluta de rima. É pelo logo das cesuras e dos hemistíquios, pela distribuição das tônicas e das pausas, apenas, pelo emprego adequado dos finais tônicos, pela polifonia das vogais, e das consoantes, pela remessa habil ao verso seguinte de palavras que completam o pensamento do verso anterior, a que os franceses chamam "enjambement", é pelo manejo perfeito de sua arte, enfim, que Varela consegue deste gênero difícil de verificação efeitos mágicos, só comparáveis aos de certas passagens de "Gonçalves de Magalhães" em "Napoleão em Waterloo", por exemplo. Mas tenho para mim que Varela o supera. Tivesse eu a arte difícil da declamação e veloz a beleza musical desses trechos do "Cântico do Calvário", a nénia imortal da língua, a elegia mais dolorosa que já foi posta em versos pela paixão humana, Tendes tudo aí, desde as notas agudas que traduzem a angústia lancinante da alma que grita e que protesta, até os acordes baixos, soluçantes, em tom menor, de quem chora baixinho:

"E a vida a pomba predileta
Qu'obra em mar de angústias con-
tinha
O rama da esperança... era a
reflexão
Que entre as névoas do inverno cin-
tillava
Apontando o caminho ao peregrino...
Era a nuvem de um dorado estio...
Era o lábio de um amor sublime...
Era a glória, a inspiração, a pátria
O porvir de teu pai! — Ah! no en-
tanto,
Pomba — varro-te a flecha do des-
tino!
Astro — engulho-te o temporão de
noite!
Teio — calotei Graça — já não vivei!"

Mas Varela era um poeta cristão por natureza, penitente e contrito de seus próprios erros; é nítido em toda a sua obra o sentimento de culpa — a culpa de seu vício que o atormentava, a culpa que traduz tão bem no "Proscrito", em que fala ao filho, ainda vivo, e mais tarde em "Sombra", onde eu sinto no fundo da tela humbrosa o melgo vulto de Alice Luande,

que tanto sofreu por ele. Era cristão e humilde e, por isso, aos acordes dolorosos, aos protestos de rebeldia, com que começa a subir o seu calvário de pal, seguem-se doces melodias descritivas; a Imprecação cai aos poucos, e ao fim a sinfonia de dor termina entre notas claras e puras, num "ardente vivo", quase "allegro", em que o tema musical é uma esperança luminosa, a esperança do céu:

"Mas não! Tu dormes no infinito solo
Do Criador sem ser! Tu me fazes
Na voz dos ventos, no churar das
luzes,
Talvez das ondas no respiro flexível
Tu me contemplas lá do céu, — quem
também
No vasto solitário de uma estrela...
E são teus raios que meu estro aque-
cem!"

Pois bem! Mostra-me as veias do
caminho!
Brilha e fulgura no arado manto!
Mas não te arrojés, lúbrica da noite,
Jas ondas nebulosas do ocidente!
Sê-luz e fulgor! Quando a morte fria
Sobre mim sacudir o pó das asas,
Escada de Jacob serão teus raios
Por onde minha súbita minhama!"

Foi um versificador emérito, mas não teria chegado à posteridade se não tivesse sido também, um grande poeta, um grande poeta que fez refletir em sua obra, com a sinceridade e a fidelidade que só as Almas bem formadas possuem, todo o seu drama interior, toda a sua vida. A obra de Varela reflete, na personalidade, em seus próprios vícios, como em suas virtudes, com a mesma naturalidade, com que o espelho reflete o vulto que lhe chega a frente. Há homens, e superiores pelo talento, que produzem e deixam uma obra, bela por vezes, mas estranha a si mesmos; vivem num estilo e produzem outro. Varela não; exceção feita de alguns "pastiches", de algumas composições protocolares, de pura convenção — e inferiores por isso mesmo — pôs em cada verso um pouco de sua própria essência e em cada poema um transe de sua própria vida. Pena é que cada uma de suas produções não esteja precisamente datada; poder-se-ia fazer-lhe a biografia com os próprios versos. Mas de tal forma a obra espelha a vida do homem, que por ela podemos recompor as quadras mais características dos estados da alma mais típicos das preocupações mais constantes e, até, as obsessões mais insistentes do poeta. E é desse confronto entre a sua obra e a sua vida, que a figura de Varela surgirá mais perfeita e mais bela, como homem, como poeta e como cristão. Seria assunto para um estudo empolgante no qual, tanto quanto belezas literárias, encontraríamos ensinamentos morais, porque, transviado e erradido, embora, ébrio, pusillânime diante dos embates da vida, Varela foi um bom e um simples, foi um crente e um justo, cujo espírito provado por todas as amarguras, deixou musicalizada em versos a mais nobre expressão de

(Continua)

CELEBRANDO CASIMIRO DE ABREU

(Continuação da página 155)

obra, nos costumes, ao céu, e à alma da paisagem:

"Quero morrer cercado de perfumes
Dum clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal."

Minha cama está entre as mas
luzes,

Banhada de luar,
E eu, contente, dormirei tranquilo
A sombra do meu lar."

As ecochiras chorarão sentidas
Por que cedo morri,
E eu soube no segredo meus amores,
Na terra onde nasci!"

(Meu lar — Lisboa, 1857)

E naquela tarde, casta e luminosa, alheio a mim mesmo, quando a aurora ignota perfumava, escutava uma harmonia, uns soluços e uns suspiros tão que dantes nunca os ouvira nem sentir, porque não vinham das coisas circunstantes; eram murmúrios, vozes e arvores de um mundo gúlfico, que sobia o pórtico para o meu sonho, ali à beira de uma sepultura...

Sempre que de qualquer cidade da antiga Helade saía uma colônia — dizem as crônicas — levava a expedição a imagem do deus — patrono, e, com ela, aliado e vivo, o fogo santo! Atendida que fosse, a terra de adoção, escolhiam os emigrados uma colina para o templo, depositando ali, a efúgie venerada, e mais o lume em que para eles crepitava a alma da pátria longínqua...

Se para a doce terra luter, a cuja sombra me acolhi, não pude erguer um templo que chegasse a entreter com na nuvens, senão um pobre nicho humilde, não deixarei contudo, que, diante de sua imagem, te apeque nunca a chama votiva do mais fervoroso dos africanos e o incenso puro da mais enternecida saudade.

BECO



Ante-manhã,

garoa,

a luz se apaga e a rua cisma;

vultos que a sombra traga

batem e chamam:

— Margarida...

— Sonia...

Naquela veneziana mais escura

ha uma nostalgia, uma ternura,

uma velha cantiga da Polónia.

AFONSO SCHIMIDT



Túmulo de Casimiro de Abreu, no cemitério da Barra da S. João. Está colocado ao lado do túmulo pai do poeta.

Uma questão de mitologia nas "Cartas Chilenas" -- JOAQUIM RIBEIRO

Confesso que é para mim um prazer dialogar com Afonso Pena Junior, espírito de esplêndida erudição e de cativante cavalheirismo intelectual.

Prazer maior seria poder concordar com o notável exegeta das "Cartas Chilenas", mas, sou sincero, e é a sinceridade que me impede de saudar e festejar a verdade com o mesmo e capitoso vinho de suas saborosas lições.

Não me sinto convencido, e fui educado na escola em que o direito da divergir dignifica o pensamento e constitui a mais lidima força do espírito humano.

Divergir, em nosso caso, ainda é a melhor maneira de nos entendermos.

Afonso Pena Junior atribui minha divergência a dois pontos:

I — Não ter levado em conta, como ponto de partida, a grafia *Thetis*, que está nos manuscritos das *Cartas Chilenas*.

II — Ter incidido num "erro de apreciação" em pensar que *Tethys* (com y) significa *per se* o mar e *Thetis*, só o significa, por metonímia.

Analisemos, porém, os fundamentos de tais objecções.

I — A GRAFIA DOS MANUSCRITOS

Diz o meu erudito e eminente opositor que eu não considererei o fato de aparecer nos manuscritos das *Cartas Chilenas* a grafia *Thetis* em vez de *Tethys*.

Não considerei e nem deveria considerar, pelas seguintes razões:

Primeiro, porque os autores clássicos não possuíam nenhuma precisão na grafia. Basta lembrar a respeito da própria grafia desses dois nomes mitológicos o que diz o eminente camonólogo José Maria Rodrigues na obra "Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas" (Colômbia, Imprensa da Universidade), trabalho infelizmente desconhecido de A. Pena Junior. Assim escreve o sábio comentarista:

"Apesar da confusão gráfica dos dois nomes, que nas duas primeiras edições dos *Lusíadas*" são escritos *Thetis* (*Tetis* uma vez), o poeta distingue bem as duas entidades. Basta consultar V, 52, I com VI, 21 e IX, 85". (Obra citada, pág. 65, nota 1).

Segundo, porque os manuscritos das *Cartas Chilenas* não cômias e todo exegeta, de bom aviso, não deve confiar cegamente em documentos dessa natureza. Aliás, o próprio Afonso Arinos não é fanático dos textos manuscritos, tanto que erroneamente pretende emendar, noutra passagem, a expressão "a paridade", que, está certo, por "a puridade", que não se enquadra no contexto, conforme prova na minha crítica inicial.

Ora, se não há, nos clássicos, precisão gráfica e nem os manuscritos são originais, claro está que não incidi em nenhum vício de lógica (petição de princípio).

O comentador devia partir, portanto, da exegese lógica que trouxe: verificar a que entidade mitológica se refere o texto, se a *Tethys* ou a *Thetis*.

A grafia por si só não é ponto de partida, uma vez que acerca desses nomes mitológicos não houve jamais uniformidade entre os clássicos.

Portanto, não procede a objecção do meu ilustre opositor. Prevalece, por consequência, o ponto de partida de minha exegese lógica e a procedência de minha exegese filológica.

II — O FERRO DE APRECIACAO

Acusa-me ainda Afonso Pena Junior de resvalar num erro de apreciação e escreve:

"O engano, a meu ver, está em supor que uma das deusas significa *per se*, diretamente, o mar ao passo que a outra só por translação de sentido teria tal significado; quando a verdade é

que tanto num como noutro caso, a ideia de mar resulta de uma metáfora, e é sempre figuradamente que se traduz a palavra suar pelo nome de qualquer das deidades marinhas".

Ora, esta asserção de A. Pena Junior é que me autoriza a dizer que o erro de apreciação é de sua parte.

Vejam a lição dos mitólogos.

Tethys tanto quanto o Oceano, explica Arnaldo Foresti na obra "Mitologia grega" (Milano, 1932) é considerada "divindade cosmogônica". E explica: "Como égl. é o padre universal, assim *Tethys* era considerada como mãe". E logo adiante: "Madri erano sovente chiamati le acque". (pág. 38).

E' sabido que os gregos antropomorfizavam as forças da Natureza. *Tethys* é a água do mar. A sua representação humana é que é uma figura, um troço.

P. Decharme na sua "Mythologie de la Grèce Antique" (Paris, 1836) elucida, com clareza, a questão:

père qui est Ocean et d'un mère qui est Tethys. *Tethys*, la mourrice, c'est l'eau considérée dans son action fécondante".

Quando o poeta das *Cartas Chilenas* bintou o sol descansando "no regaço de *Tethys*" outra não poderia ser a entidade mitológica.

Hermann Stauding na sua "Mitologia grega y romana" (trad. esp. de J. Camón Azorin), 4ª edição, 1934, H. de la Ville de M'rmont na sua "Mythologie" e outros mitógrafos modernos explicam a mitologia grega pelo "paganismo", atribuição de um princípio vital às forças da Natureza, ou como ensina Mirmont: os gregos representavam "les éléments de la Nature sous la forme de personnes vivantes". Vejo-se, por exemplo, o que Decharme diz de *Achéloos*:

"*Achéloos*, fils d'*Océan* et de *Tethys*, ne désigne tel cours d'eau déterminé: il est la rivière en general".

Thetys, como o Oceano, é igualmente um elemento da Natureza: a água, o mar.

Erro de apreciação é pensar, como Afonso Pena Junior, que *Tethys* (com y), personifica o mar por metáfora. Ao contrário, *Tethys* é uma divindade cosmogônica, identificada com a própria Natureza, (a água).

O erudito Afonso Pena Junior não quis ir aos mitógrafos, e creio que por isso não pode esclarecer a questão que é, como ele próprio reconhece, de mitologia.

E' de mister, portanto, descerminar o fato geral, mitológico (*Tethys*, a água, o mar) e o fato particular (*Thetis*, ne-reída, que, por metonímia representa o mar, segundo o uso de alguns poetas latinos).

Está, por consequência, de pé, a minha exegese não só do ponto de vista lógico como também filológico. Critilo quando versejou:

E, apenas, Doroteu, o sol declina A descansar de *Tetis* no regaço logicamente se referia ao elemento da Natureza (o mar a água, *Tethys*) e filologicamente só poderia ser essa deusa pela associação sugestiva entre "regaço" e o significado etimológico de *Tethys* (amamentadora).

Defender outra exegese é querer com'êr o simples e obscuro o que está claro.

Por todas estas razões não posso reconhecer a procedência da arguição do eminente Afonso Pena Junior, cujo talento aprecio, cuja erudição admiro e cuja personalidade admiro tanto quanto estimo.

Não termino com dizer que as reticências do meu último artigo, tão maliciosamente interpretado por meu ilustre opositor, nada mais eram do que um convite ao diálogo. Estou certo que o prazer de dialogar é uma heresia venial e perdóvel.

O poeta do amor e da saudade - José Verissimo

Casimiro José Marques de Abreu era natural da Barra de São João, na província do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1837 e morreu em 1880. Seu pai, português como o de Gonçalves Dias, como esse o destinava ao comércio. Menos tratável, porém, que aquele, fez obrigá-lo a ficar numa profissão a que este era de todo avesso.

Dos poetas da sua geração e Casimiro de Abreu, talvez mais que outro qualquer, o poeta do amor e da saudade. Os dois sentimentos são a alma da sua poesia. Este pobre rapaz fraco e enfermigo nasceu poeta, com a sensação viva, dolorosa do que o grande poeta latino chamara as lágrimas das coisas cujo mortal encanto lhe penetrou cedo a alma melancólica. O drama íntimo da sua vida, o desconhecimento do seu talento, a contrariedade oposta a sua vocação e, acaso, às imperfeições do lar paterno, tudo teria sido exagerado até ao trágico pela sua sensibilidade doente. E' grande a magia que de tudo lhe vem; grande, real e sincera. Da sua vida amorosa nada de certo sabemos. Os seus biógrafos, mesmo aqueles que mais intimamente, parece, o conheceram e trataram, como Reynaldo Monteiro e Teixeira de Mello, divagam e amplificam segundo tem sido aqui o mau uso dos biógrafos, em vez de

investigarem a vida e de a contarem sem impertinentes recatos. (1). Nos seus versos, porém, há a impressão pungente de um amor infeliz que lhe deixou a alma mal ferida e para sempre dolorosa. O afastamento, a ausência da terra natal, o exílio, como, imitando a Gonçalves Dias, lhe chamou, completaria a exacerbação da sua sensibilidade orgânica e lhe daria ao estro o tom nostálgico que, sem igualar a simplicidade genial do seu inspirador, não lhe ficaria senão em emoção.

E' sob a influência da nostalgia e do amor, ambos de fúto nele uma doença, que se põe a cantar o Brasil. Mas o Brasil que canta em seus sentidos versos, a pátria por quem chora e que celebra, é principalmente a terra em que lhe ficaram as coisas amadas e mormente a desconhecida a quem dedicou o seu livro e que, segundo a minha confiança de um daqueles biógrafos, teria encontrado morta quando voltou à terra natal. A saudade desta com os encantos que a saudade empresta aos seus motivos, é que o faz patriota, se mesmo com esta restrição se lhe pode aplicar o epiteto, que não vai aqui como elogio. A sua nostalgia e sobretudo o amor, não só a mulher querida mas a quanto este amoroso, amava o torrão natal, a casa paterna a vida

campestre, que para as almas sensíveis como a sua se enche de prestígio ignorado do vulgo. Lá de longe cantou a sua terra, os séculos da sua infância, as suas recordações de toda a ordem, avivadas pela saudade, com sentida e comovedora emoção. As penas de amor e de saudade fizeram-no o poeta que foi. Toda a sua curta vida, ainda depois de restituído à sua terra, uma saudade incerta, uma indefinida nostalgia ficaram-lhe na alma como um ferrete daquelas penas. E o nosso povo, que do português herdou o senso desses dois sentimentos, em a nossa raça irmãda da mesma emoção, achou porventura em Casimiro de Abreu o mais fiel intérprete das suas próprias emoções elementares, primárias, do amor do torrão e da mulher querida.

Pelo que é Casimiro de Abreu o poeta brasileiro que o nosso povo mais entende e a quem mais quer. Ama-o, recita-o, cantam-no, fazem-no o poeta popular, em certos meios quase anônimo. Comprova este asserto o fato de ser Casimiro de Abreu de todos os nossos poetas, aceitando o Gonzaga, certamente o que tem sido mais vezes reimpresso, total ou parcialmente. As suas *Primaveras* term, pelo menos, oito edições.

Voltoando diante e abatido a terra natal, a vista daquelas coisas tão choradas no exílio põe-lhe na alma dolente acentos raro atingidos pela nossa poesia. E dele se haviam de inspirar Luiz Guimarães Junior, Lucio de Mendonça e outros que cantaram iguais estados d'alma:

Em meu lar, minha casa, meus azeites,
A terra onde nasci, meu teto amigo,
A gruta, a colina, a solidão, o rio,
Onde o amor me nasceu, cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei
Arvores novas, tanta flor no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma!

— Noiva enleada para o seu noivo!

Foi aqui, foi lá, além... mais longe,
Que eu senti-me a chorar no fim do dia,
— Lá vejo o altar que vai dar na farsa,
Lá o barranco por onde eu subia!

Acho agora mais sera o cachoeira
Onde banhei meu infantil cansaço,
— Como está velho o lanço! lancha!
Onde eu caçava o sarkiku a lago!

Como eu me lembro dos meus dias
Nada me esqueço!... Esquever greco
— Cada pedra que eu palpo ao trecho
Fala-me ainda dessa doce idade

E a casa?... as salas, estes móveis,
O quarto do oratório, a sala grande,
Onde eu tomava penetrar no escuro!

E' da melhor, da mais alta,
da mais profunda poesia. Como poeta do amor, não é demais dizer que Casimiro de Abreu deu à nossa língua, tão rica sob este aspecto, alguns dos seus mais comovidos se não mais formosos, cantos. A uns destes os prejudicou, no conceito da geração imediata ao poeta, a mesma popularidade que os vulgarizou nos recitativos de salão, como foram de moda

Não obsta que poemas como *Amor e medo* e *Minha alma e triste*, sejam, sem encarecimento, apesar da sua toada que nos é hoje menos agradável, dos mais belos da nossa poesia.

Com a incorreção de forma poética, a que somos depois do parnasianismo demasiadamente sensíveis, tem eles em alto grau, sentimento, idealização, emoção da melhor espécie poética, e até em mais de um passo, peregrinas excelências de expressão. Há em *Amor e medo* notadamente um ardor de voluptuosa no mesmo tempo contida e exuberante, que lhe realça sobremaneira a beleza, e formosuras de sensação e de expressão que não teriam o direito de desdenhar os mais reputados sequeiros de Baudelaire. E' forte a sua tradução dos tentações

amorosas da carne, como o diriam estes poetas, e, mais, de todo nova na nossa poesia, se não também na da língua portuguesa:

Al! se eu te visse, Magdalena pura,
A mão tremendo no calor das tuas,
Amarrado e teu cabelo branco,
Sobre o cabelo nas espaldas nuas...

Al! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o cabelo branco e a tua mão,
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços fracos, palpitando...

Al! se eu te visse, Magdalena pura,
Na face as suas virginal do peso,
Tremendo a fúla, a protestar balbucando,
Vermelha a boca soluçando um berço...

Desprezados, como necessariamente sucederá dentro em pouco, os preconceitos que a vulgarização de tais versos contra eles criou, eles nos aparecerão em toda a sua novidade e beleza de sensação e expressão. Ver-se-á o seu realismo de idéias e estilo, nem sequer suscitado então como fórmula ou processo de escola, do mesmo passo que se lhes sentirá o ardor e a intensidade que desafiava quanto a paixão à cola daquela poeta francesa e dos seus discípulos: pôs nos versos, dos nossos últimos poetas. Em que lhes pese ao estúpido desdém pelo verdadeiro e notável poeta que é Casimiro de Abreu, facilmente se verifica que eles lhe sofreram a influência e frequentemente o imitaram, raro o igualando e nunca o excedendo na realidade da emoção no sublime da expressão. Pela profundidade e sinceridade do seu sentimento poético, tem ele mais razão de viver do que estes: já vive de fato mais do que eles viverão, e o futuro, não duvido vaticinar, o desforrará cabalmente dos seus tolos desdém.

Tristeza ingênita, melancolia amorosa, acerbada nostalgia, angustioso sofrimento de uma alma rica de ingênuas e ardentes aspirações de glória e de amor, tudo deu a este delicioso poeta a feição dolorosa que ainda no meio dos poetas dolentes da sua geração o distingue. Tinha também, como os outros, o pressentimento da morte prematura. Mis de um poema seu o declaro ou o revê.

A um amigo recém-morto dizia:

Donde tranqüila a sombra do clareio...

— Não tarda a minha vez;

Com efeito, dois anos depois, finava-se com vinte e três de idade, na sua fazenda ou sítio de Jandaiaçu, no torrão natal, às cinco horas e vinte e cinco minutos da tarde do dia 18 de outubro de 1860. (2)

(1) — V. Casimiro de Abreu, por R. Carlos Monteiro, Revista Popular, Rio, 1982, XVI, 351. Idem por Teixeira de Mello, Gazeta Literária, Rio, 1984, I, 24.

(2) — Monteiro, artigo citado.



Busto de Casimiro de Abreu, na praça das Flechas, em Niterói

EFEMÉRIDES

DA ACADEMIA

- 3 DE OUTUBRO
1847 — Nasce no Rio, Carlos de Luet
- 8 DE OUTUBRO
1789 — Nasce Evaristo da Veiga
- 9 DE OUTUBRO
1853 — Nasce José do Patrocinio
- 10 DE OUTUBRO
1914 — Eleição de Alberto Faria para ocupar a cadeira n.º 18.
- 11 DE OUTUBRO
1901 — Façimento de Francisco de Castro

A VIDA E A POESIA DE CASIMIRO DE ABREU

(Continuação da página 130)

O juramento está feito,
Foi dito cu' a mão no peito
Apontando ao coração:
E agora — por vida minha,
Tu verás, o meu sonho,
Tu verás se o cumpri no tal!... (1)

Não vejo que seja mister desenvolver demasiado a característica deste poeta imensamente conhecido. Basta uma só nota mais.

Não tinha defeitos? Por certo os tinha, e entre eles o principal e por vezes descambar na vulgaridade até ao na prosa. Isto, porém, é raro.

Se faço esta declaração é no intuito de evitar a transformação deste livro num compêndio de elogios. Meu alvo não é encomiar nem vituperar. Compreender e explicar, eis o fim da crítica, sabemos-lo hoje.

(1) Obras Completas de Casimiro de Abreu, sexta edição, pag. 208

SONETO



Ter um livro entre as mãos e não ler uma frase,
Pensando nesse alguém que passou sem me ver
E cruzou seu olhar com o meu, num fim de tarde calma,
E deixou, na minha alma, o que não quizera ter...

Pensar, ingenuamente, que num dia nunca visto
Ela pousará de leve a mão sobre o meu ombro
E me ha de chamar meigamente de irmão,
Olhando dentro dos meus olhos surpreendidos...

Pressentir a sua carícia mansa na minha cabeça,
Embalando e adormecendo todos os meus pensamentos
Tristes, ó tristes, como crianças que estão para morrer.

E adormecer sorrindo à miragem de sua vinda,
Que encherá de ternura o meu ser desigual
E nele ha de deixar o sinal de sua sombra...

LEAO DE VASCONCELOS

Casimiro de Abreu em face do modernismo brasileiro

(Continuação da página 130)

Se tempo de dar a obra que era de esperar-se acie. Deixou-nos um ensaio, um ensaio admirável, tão admirável que e preciso que o amemos. Os quilos de açúcar e os litros de farinha de mandioca que vendeu no balcão alcançaram-lhe a vida. E como essa vida foi curta... Agora dá

Casimiro de Abreu um patricio que o admirasse; dê-lhe uma mesada gorda; dê-lhe gravatas; ponha-o numa mala bem arrejada com dadas camaradas atrás com as mulheres; o caminho da Corte e das mulheres; ponha-lhe nas belas um sarraceno; suspenda a obra da tuberculose por mais alguns anos;

e V. verá Casimiro de Abreu morrendo aos 30 anos, tísico sim, porém tendo deixado uma obra mais vasta, mais forte, uma obra (ponto de vista parapsicista) tão grande quanto a de Gonçalves Dias e a de Castro Alves.

Sei perfeitamente que Castro Alves morreu com a mesma idade. Mas há a considerar as diferentes maturações do espírito. Castro Alves, no meu entender, se videsse mais dez anos, não daria obra melhor que a que fez. (Caso Hermes Fontes) Casimiro, no entanto, esse falhou: morreu ainda verde. Casimiro deixou "a sua obra". Casimiro deixou "amenas um ensaio da sua obra".

Entim, eu posso estar errado. Nunca sabemos quando andamos certos ou errados. E' tudo, no terreno do pensamento como no mais um jogo de formas que nos têm...

Concluindo: sou portanto um neto do Casimiro. Porém um neto tão diferente do outro! A porção de sangue que se converteu em areia a que confite, na minha poesia, o fundo irreversível da melancolia.

Ou: de "poesia?"

Poemas em prosa

MURILO MENDES

A DAMA DO MAR

Pobres teus olhos tu és mar — pela tua alma és pedra.

Existe um resto de sercia no formato de tuas coisas.
Balanças nostalgicamente os quadris. E cantas para a morte, ap-
peitando os viajantes.

Foste criada para os navios, para respirar as tempestades. Não
amoras com nenhum homem. Tua cabeleira pertence aos ventos. Os marinheiros mostram a seus filhos tatuagens re-
presentando tua cabeça. E's a amante abstrata de todos. Não
pertences a nenhum. Teu canto dirige-se mais para a morte,
do que para a vida.

Esperas voltar para a água.

ESPOSOS

Expulsam-nos para sempre do Paraíso. Jamais te ouvirei can-
tar à beira do grande rio azul.

As plantas, os animais, os aviões fogem da nossa vista.
Diante de nós somente estas vastas construções de pedra.
Não temos mais onde comer. Não sabemos mais amar.
Afivelam máscaras contra gás asfixiante em nosso rosto.
Escrevem em letras de fogo no alto do céu: MORREREIS.

Já sonos nossos esqueletos.

VIOLETA

Nós nos encontramos na origem dos tempos — é por isto que
vivemos a nos procurar — e naquele jardim pobre. Um
grito de luta — um piano bárbaro — interrompe o silêncio.

Aquelas nuvens monumentais no céu parado...
Tua irmã penteia os cabelos olhando o mar — e tem ciúmes
de mim. Prepara-se para as longas confidências noturnas
e vagas. Tuas visões te espantam e confundem. Como
se estuda micrometricamente o amor!

Entras em casa outra vez — abraças e beijas teus irmãos com
uma ternura maior. Olhas quasi com desprezo para teu re-
trato de primeira comunhão: entretanto é a mesma mulher.

O DITADOR

Sentir-me na cadeira de pedra. Desencolrei as profecias e lidei a
história passada, presente e futura de todas as gerações.
Cercam-me de danças violentas vermelhas, de músicas de to-
das as épocas e de todas as gerações. As mulheres deverão
porre em plena praça pública ao som de hinos tristes. Os ho-
mens deverão morrer em plena praça pública ao som de hinos
de alegria.

Transportai minhas amadas para os altares. Perfume, músicas
violentas, danças! Abriguemo-nos na tempestade de pe-
dra. Já está escrito de nós e de nossos filhos até a can-
suação dos régulos.

UMA E ÚNICA

Ela vem dos céus de bronze — arfando — encurruada pelos tem-
pestais — dança mais do que anda.

Quantos anos tem esta mulher? Não tem época. Não foi ge-
rada segundo a carne. Só as estrelas poderão falar sobre
seu nascimento.

Assiste impassível à destruição dos corpos e à derrubada dos al-
tares. Os homens emigram para lhe buscarem flores ra-
ras: e lhe oferecem corações, pensamentos, pernas, braços.
E os guerreiros lutam porque ela existe. E os operários
trabalham porque ela existe. E os poetas escrevem porque
ela existe. E seu poder se prolongará através dos ciclos
das gerações.

O exquisites cantor da saudade

(Continuação da página 100)

Mas como às vezes sobre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Também a lira alguma vez sombria
Soita gemendo de amargura um treno.

São flores murchas: — o jasmim fenecer.
Mas bafejado se erguerá de novo,
Bem como o galho de gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Com todas as irregularidades apontadas na sua arte de
poeta, e todos os desvios da sua sintaxe negligente, Casimiro pos-
sua um saboroso estilo colorido, sensível, personalíssimo. A igno-
rância tranquila de qualquer sistema filosófico, literário ou
científico, deu-lhe a sorridente sabedoria que vem de uma alma
livre, sem compromissos de nenhuma espécie, clara e trans-
parente como um velo de água que, na sua humildade rasa e
confiante, vai refletindo o mundo sem sentir, e levando em
cada patheta mobil e errante, ora o brilho da estrela milenar,
ora a sombra da asa efêmera e passageira.

PÁGINA DO DIA:

INFLUÊNCIA DO CINEMA NA VIDA MODERNA

Anibal Monteiro Machado —
literariamente Anibal Macha-
do — nasceu em fins do século
passado, em Sabará, Minas Ge-
rais. Aos 12 anos começou a
sua instrução, a princípio in-
terno em um colégio de Belo
Horizonte, logo depois externo
do Ginasio Mineiro. Matri-
culou-se na Faculdade de Di-
reito daquela cidade, tendo-se
transferido, no correr do curso,
para a Faculdade de Direito
do Rio de Janeiro. Bacharel,
foi nomeado promotor publico
no interior de Minas. Foi di-
ploa professor do Ginasio de
que tinha sido aluno. Trans-
ferindo-se para o Rio, foi pro-
fessor de literatura no Pedro
II. Hoje ocupa o cargo de es-
crivão Geral dos Feitos.

Sua obra acha-se toda iné-
dita, tendo ele escrito um to-
mance de intenso lirismo sub-
jetivo e mesmo suprarrealista,
que se intitula "João Ternura
lúrico e vulgar". Tem publica-
do notáveis trabalhos, contos,
ensaios sobre historia da arte
e da literatura, poemas em
prosa, destacando-se entre eles
algumas conferências sobre po-
etas da lingua inglesa, como a
que dedicou a Shakespeare, a
que dedicou a Edgar Poe e a
que dedicou a Walt Whitman.

INFLUENCIA DO CINEMA NA VIDA MODERNA

Eu vos trouxe de muito lon-

Uma pensão para a irmã do poeta

Albina Marques de Abreu
Poes, irmã de Casimiro de
Abreu, findou a sua vida em
grande penúria. No arquivo da
Academia Brasileira, tivemos
ocasião de espiar um requeri-
mento do pinto dela, bem re-
velador das necessidades que es-
tava padecendo em 1921.

Diz esse documento:

"Eram, sr. presidente da
Academia de Letras

Albina Marques de Abreu
Poes, maior de 77 anos de i-
dade, residente nesta cidade, única
irmã sobrevivente do poeta Ca-
simiro de Abreu, lutando com
dificuldades de vida, e sem que
o seu estado de saúde lhe permi-
ta ganhar honestamente como o
fazia até certa época no profe-
sorado, vem rogar a V. Exc.,
em nome da memória do seu
presado irmão, que essa douta
Academia de Letras lhe conce-
da a graça de uma pensão men-
sual, de maneira a lhe tornar
possível os seus últimos anos de
existência.

P. deferimento.

Rio de Janeiro, 28 de agosto
de 1921.

(a) Albina Marques de
Abreu Poes".

Esse requerimento foi lido na
sessão de 1 de setembro de
1921, e deferido.

Albina Poes mandou então ao
sr. Ataúlfo de Paiva a seguinte
carta de agradecimento:

"Excma. sr. desembargador
Ataúlfo Napoleão de Paiva

Tem por fim esta, agradecer a
V. Exc. e aos dignos membros
da Academia de Letras, o gran-
de e inestimável favor a mim
feito e como uma homenagem a
meu querido irmão Casimiro
de Abreu, concedendo-me
uma pensão vitalícia, e que consi-
liou o arrimo de minha ve-
lência.

Gratula. Venra. Obda.

(a) Albina Marques de
Abreu Poes".

ge, das raízes mesmas dos el-
ementos para chegarmos até aqui.
Mas, em compensação a não
ser que queirais ouvir de mim
afirmações facies, estas em
condição de tirar por conta
própria as vossas conclusões.

Se considerardes que o bom
cinema pode colhe o indivi-
duo ainda num grau inferior
de cultura e daí eleva-lo a
compreensão da grande arte e
o sentimento da poesia, ao pa-
so que diante de uma obra
prima musical, plastica ou li-
teraria, esse mesmo individuo
dificilmente experimentará ao
primeiro contacto outro senti-
mento que não seja de tedio
ou incompreensão; se conside-
rardes ainda que as maior
criações da tela podem comover
e penetrar o mais rude espiri-
to, no passo que as obras pri-
mas de um Bach, ou de um
Goethe, ou de um Picasso são
lograrão esse resultado im-
mediato, — poderéis avaliar qual
poderosa, inumeravel e insinu-
ativa é a influencia do cinema
na vida do homem de hoje.

Arte popular e coletiva e so-
bretudo as multidões que ela
se dirige. Aos analfabetos e
aos requintados. Pela universa-
lidade de sua linguagem, pela
comunicabilidade de seus
meios, pela soma de valores que
gera e divulga; pelo alargamen-
to de vida que traz; pela sua
inecualvel expansão. Dai a
sua influencia no comporta-
mento humano, na concep-
ção da vida, na maneira de sen-
tir e de amar, nos usos e cos-
tumes e na indumentaria. Os
gauchos alteram as suas ves-
timentas caracteristicas, tro-
cando a bonacha pelo culote do
"cow-boy". Os nossos ne-
gros da cidade dançam tambem
como os seus irmãos da Amé-
rica. Até as moças da provín-
cia mais remota seguem os
penteados dominantes em Ho-
llywood. E muitos daqueles ou
daquelas que acaso encontram
em semelhanças fisicas com as-
tros e estrelas do cinema, se
julgam satisfeitos da vida e fi-
cam para sempre perdidos numa
contemplanção idiota de si
mesmos.

De tal maneira está o cine-
ma incorporado as nossas ne-
cessidades que as gerações do
vinte anos o supõem existir ha
séculos, ele que nasceu outro
dia.

A máquina de projecção joga
diariamente na tela, em todas
as cidades do mundo, as ima-
gens de objetos, de seres e sen-
timentos, imagens da vida real
e da falsa vida.

Já imaginastes qual possa ser
o efeito de uma obra darte ote-
recida quase de graça a popu-
lação de uma cidade do inter-
ior?

Todos ficam ansiando pela
terminação do dia, para o mo-
mento do grande êxtase. Um
homem qualquer, analfabeto e
obscuro, vai tomar conheci-
mento dos fatos recentes que
se passam na linha da frente
do mundo através das atuali-
dades dos cine-jornais; vai
compreender melhor e sentir
pelos filmes de ficção o psiqui-
smo humano, nas suas complica-
das reacções e conflitos; vai
admirar depois o vôo do alim-
nante Byrd ao Polo Sul, ou a
correntiza do Amazonas enca-
minhando-se para o mar; vai
ver como se planta algodão,
como se constrõe uma represa,
como se trabalha numa mina,
vai, enfim, sentir-se alguém,
parcela de um mundo cujas
vibrações lhe chegam aos olhos
e aos ouvidos, de um mundo
que ele quer tambem ajudar a
construir.

As imagens o acompanham
noite a dentro, até se diluam
na nebulosa do sub-conciên-
te. Ele as contemplanou no retân-
gulo luminoso, admirando as
riquezas da criação e a diver-
sidade dos sentimentos que
agitam a humanidade. O ho-
mem sentado em qualquer ci-

ANIBAL MACHADO
(De "O Cinema e sua in-
fluência na vida moderna")

nema de qualquer lugarejo da
terra assiste ao desfile das for-
mas e aparências do mundo,
vê o drama dos outros e se in-
conhece irmão dos seus irmãos
de outras raças. Assiste a pas-
sagem do que é visível e do
que lhe parecia invisível.

Ha uma circulação secreta
das torças da materia. Tudo
é ritmo e movimento tanto no
mundo cosmico como no mun-
do espiritual. A vida aparece e
se manifesta. A alma das co-
isas esta no seu movimento, na
sua inércia.

As formas gesticulam e se
combinam numa continuidade
harmoniosa. De tudo resultará
a visão sinfônica do mundo a
verdadeira imagem do Univer-
so e da Vida.

A Ciência colocou a disposi-
ção do homem o mais podero-
so instrumento com que ele
possa exprimir-se. Que seria da
humanidade de hoje sem o ci-
nema? Que será do cinema se
condições estranhas a sua ex-
sencia o impedirem de trans-
mitir e divulgar os anseios pro-
fundos, o sonho e as aspirações
do homem de hoje?

AS "PRIMAVERAS"

Justino José da Rocha

Nos dias de prosaico positivi-
smo em que vivemos, acabam as
letras brasileiras de receber
mais um mimo.

O sr. Casimiro de Abreu acaba
de publicar as suas Primaveras.
Cumprir ser moço na verdade,
para no meio da matreiranga
que enrejela a sociedade, no
meio do borborinho metálico
que soa a todos os ouvidos ven-
tantar a voz sonora e dizer a
essa sociedade egotista — Aten-
der-me! — vou cantar os segredos
de ternura da alma huma-
na; vou expor-vos na lingua a
mais doce e harmoniosa os sen-
timentos que estão nos vossos
como estão em todos os co-
rações, mas de que tão acuradi-
mente vos distraís. — Cumprir
ser moço para tê-lo, e cumpri-
re recebido do céu essa su-
blime inspiração, que constitue
a verdadeira arte poetica, para
consegui-lo. O sr. Casimiro
de Abreu o conseguiu; seus ver-
sos são influentes, ricos de me-
lodia, apropriados ao assunto,
doce como ela. Qual é o as-
sunto? Podeis perguntá-lo? O
que pode cantar um moço se-
não o que lhe transborda do
peito? — O amor.

A saudade da pátria, a con-
fiança nos destinos dela, sauda-
de da familia, a lembrança do
ajajo materno, do berço do tri-
mundo, tudo isso inspira o poeta;
tudo quanto é sentimento terho
acha-se no seu tesouro. E' po-
rer o amor que mais constante
lhe faz vibrar o coração.

Não lhe escasseando o devido
tributo de louvor e de anima-
ção, a nossa imprensa deve
mostrar ao jovem poeta que
nem tudo está tão frio, nem
tudo é tão indifferente como pa-
rece: aqui e ali ainda batem
corações simpáticos a todos, os
sentimentos nobres, nobremen-
te exprimidos, e não faltam es-
píritos que presem e cultivem as
belas-letras.

Se para esses quiser viver o
sr. Casimiro de Abreu, se tiver
coragem de dizer aos mais —
"Odi projaxum vulgus et ar-
ceo". — animações lhe não hão
de faltar, e longe de retrair-se
da luz, depois de tão bela es-
treia, acrescentarão mais cor-
das á sua lira, aproveitará o
raro talento de metricidade que
mostra possuir, em alguma
composição de mais alento. Pa-
ra então o aguardarmos nós: que
hoje com tanto prazer lemos os
seus versos e os acclamamos co-
mo um agouro ou uma prome-
ssa, para collocá-la na primeira
linha dos nossos vates e mos-
trar com análise de critico os
seus titulos a essa gloria.

14 de outubro de 1929.